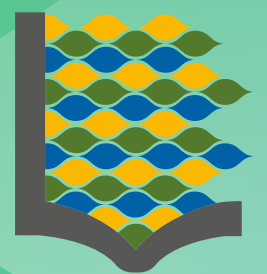


DINÂMICAS DE GRUPO PARA SE FAZER NA ESCOLA

Márcia Cristina Valle

Lucilene Hotz Bronzato



PROFLETRAS

Valle, Márcia Cristina.

Dinâmicas de grupo para se fazer na escola/ Márcia Cristina Valle. – Juiz de Fora: UFJF / FALE, 2018.

Xi, 137 f.:il.; 2,0cm.

Orientador: Lucilene Hotz Bronzato

Dissertação (mestrado) – UFJF / Faculdade de Letras / Programa de Mestrado Profissional em Letras, PROFLeTRAS/UFJF, 2018.

Referências Bibliográficas: f.119-123.

1. Dinâmicas de grupo. 2. Aula de Português. 3. Cidadania. Bronzato, Lucilene Hotz *et al.*. II. Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras, Programa de Mestrado Profissional em Letras, PROFLeTRAS. III Título.

FICHA TÉCNICA

Organizadores

Denise Barros Weiss

Elza de Sá Nogueira

Érika Kelmer Mathias

Lucilene Hotz Bronzato

Marco Aurélio de Sousa Mendes

Natália Sathler Sigiliano

Neusa Salim Miranda

Thais Fernandes Sampaio

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

A necessidade de se repensar a educação, como forma de alteração positiva de realidades, cria também uma exigência de se estabelecerem caminhos que reinventem o processo de formação docente. Nesse contexto, o PROFLETRAS – Mestrado Profissional em Letras, erigido sob indução da CAPES – reúne hoje 49 (quarenta e nove) Instituições Associadas (IA) de todas as regiões do país e tem cumprido uma agenda pedagógica relevante nos processos de formação continuada de professores e, de maneira especial, na mudança de realidade da educação brasileira. Isso porque o programa tem o grande diferencial de ser voltado exclusivamente para professores de português que estão efetivamente atuando na rede pública de ensino e, além disso, tem como Trabalho de Conclusão Final (TCFs) uma proposta de natureza necessariamente interventiva.

A Universidade Federal de Juiz de Fora (Faculdade de Letras em parceria com o Colégio de Aplicação João XXIII) se constitui como uma IA nesse Programa e, buscando enfrentar o desafio de uma escola contemporânea ao século XXI, propõe uma nova coleção de Cadernos Pedagógicos Digitais, por meio dos quais são apresentados os TCFs de sua terceira turma. Na coleção aqui apresentada, cada um dos doze Cadernos descreve o trabalho interventivo desenvolvido por um professor-pesquisador, sob orientação de um docente do Programa. Cada Caderno se faz acompanhar ainda de um documento com a fundamentação teórico-metodológica adotada e a análise da proposta desenvolvida.

As propostas de intervenção apresentadas são múltiplas e envolvem diferentes aspectos dos processos de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa. Seja focalizando os processos de letramento literário, as estratégias de ressignificação das práticas interacionais, a proposição de novas práticas para a leitura e escrita de gêneros, perpassando questões sobre análise linguística, ou mesmo a inserção de novas tecnologias digitais no ensino, todos os trabalhos procuram responder à meta do PROFLETRAS de se tornar um espaço para o desenvolvimento de pedagogias que efetivem a proficiência em letramentos dos alunos que cursam os nove anos do ensino fundamental.

Ao inovar no formato do trabalho de conclusão dos mestres que está formando, o PROFLETRAS/UFJF sinaliza duas preocupações importantes. Primeiro, desejamos que o conhecimento aqui produzido circule do modo mais fácil e democrático possível. A ambição é que, através da ampla divulgação desses trabalhos de conclusão, provoquemos mudanças não apenas na prática pedagógica dos professores que formamos, mas que as ideias aqui plantadas possam gerar mudanças também no ensino de Língua Portuguesa realizado diariamente em inúmeras salas de aula de todo o país. Ademais, a criação de um Caderno Pedagógico Digital traz ainda a economia de milhares de folhas de papel – uma boa lição a ser repassada por professores-pesquisadores da escola fundamental.

Portanto, da mesma forma como a elaboração destes trabalhos exigiu ressignificação das práticas de salas de aulas reais, esperamos que este caderno ofereça a você, leitor, novos olhares e novas perspectivas para o ensino de língua portuguesa.

APRESENTAÇÃO DO PROJETO

A carência nas habilidades esperadas pelos estudantes no uso da língua materna, verificada nos diversos níveis de ensino, desperta ainda preocupações e discussões entre professores e estudiosos da língua, estreitando o diálogo entre os profissionais da Educação básica e a academia. Esse diálogo, no Mestrado Profissional em Letras, favorece a construção de caminhos possíveis à luz de teorias consistentes e da prática docente, para um ensino de Língua Portuguesa que faça diferença na vida dos educandos. Além dessa defasagem no desempenho dos educandos frente às demandas da sociedade moderna, há, outrossim, um clima de sala de aula marcado pela desmotivação; pela apatia; por conflitos os mais variados entre alunos e entre esses e os professores; práticas de preconceitos diversos; um ambiente pouco humanizador, pouco favorável ao processo de ensino-aprendizagem. Nesse cenário, a autoridade e o protagonismo do professor, bem como o protagonismo do aluno ficam muitas vezes abafados.

O incômodo advindo dessas questões originou esta proposta de intervenção para as aulas de Língua Portuguesa, denominada DINÂMICAS DE GRUPO PARA SE FAZER NA ESCOLA. Ela é um desdobramento do macroprojeto de pesquisa “Por uma pedagogia da escrita: propostas de soluções para problemas de escrita apresentados em situação escolar”, da professora Dra. Lucilene Hotz Bronzato, da qual sou orientanda, no curso do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – da UFJF. O estudo aqui descrito tem como pergunta norteadora a seguinte questão: como oferecer aos alunos aulas efetivas de Língua Portuguesa, para ampliação de suas competências linguísticas, como condição para sua inserção cidadã na sociedade, pautadas pelos princípios da ética e do respeito?

Ela é uma pesquisa-ação participativa (MORIN, 2004), de natureza interventiva, e propõe como caminho possível para a mudança de paradigma do ensino de Língua Portuguesa o uso dessa tecnologia alternativa de ensino, por meio de dinâmicas de grupo, para a ressignificação das aulas de língua materna, do Ensino Fundamental II, podendo proporcionar aos alunos a interconexão dos

quatro eixos de ensino-aprendizagem da língua materna¹: leitura; produção de textos (literários e não literários); oralidade e análise linguística, além do fortalecimento de grupos mais solidários, ancorados em princípios de respeito a todos os envolvidos..

O caderno pedagógico DINÂMICAS DE GRUPO PARA SE FAZER NA ESCOLA é composto por quatro dinâmicas de grupo, elaboradas com o propósito de se oporem à realidade de baixo grau de letramento dos alunos e de relações conflituosas em sala de aula e foram aplicadas em uma turma de 6º ano (com continuação no 7º) do Ensino Fundamental II, de uma escola municipal de Juiz de Fora.

As quatro dinâmicas que compõem este Caderno são estruturadas em etapas, a partir de temas selecionados com bases em necessidades detectadas pelo professor para organizar ou promover um maior amadurecimento dos alunos, seja em termos emocionais e/ou cognitivos. Embora feitas em etapas, a sua elaboração prevê um início, um desenvolvimento e um fechamento, de tal forma que cada etapa se relacione de modo claro com a seguinte, formando, gradativamente, um novo. Em cada dessas etapas, um ou mais eixos de ensino-aprendizagem da língua podem ser colocados em evidência por meio de sistematizações para o aprimoramento cognitivo dos estudantes.

Com base no tema de cada dinâmica é que se faz a seleção dos textos a serem apresentados aos alunos. Portanto, o ponto de partida não é um gênero específico, mas o tema, abordado sob a forma de textos de variadas semioses (escrita, oral, visual, multimodal), contribuindo assim para a ampliação do repertório de letramento do educando.

A dinâmica de grupo parte de uma motivação inicial que não necessariamente passa por algum texto. Passar um espelho, desenrolar um barbante, escolher um objeto, por exemplo, impulsionam o envolvimento e a coautoria no compartilhamento e expansão dos saberes. Seguindo o fio condutor do novo, depois da motivação inicial, o mediador deve ofertar aos alunos variados gêneros textuais. Os textos selecionados devem estimular a reflexão dos discentes sobre o assunto proposto para a

¹ A opção aqui adotada para os eixos de ensino e aprendizagem da língua materna segue as orientações da BNCC (2017,) que, por sua vez, baseia-se nos PCN (1998). Em sua versão final, o documento afirma que os “eixos de ensino de integração considerados na BNCC de Língua Portuguesa são aqueles já consagrados nos documentos curriculares da Área, correspondentes às práticas de linguagem: oralidade, leitura/escuta, produção (escrita e multissemiótica) e análise linguística/semiótica” (p. 69). Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf> Acesso em abril 2018.

dinâmica e as situações de uso da língua.

É no processo de execução das dinâmicas de grupo que surgirão necessidades situadas de produzir textos (orais e escritos) e, conseqüentemente, a necessidade de se lançar mão de diferentes e variados recursos linguísticos. As diversas práticas situadas de produção textual (individual ou coletiva) previstas pelas dinâmicas de grupo se configuram como momentos oportunos para o professor-mediador promover reflexões.

Enfim, as DINÂMICAS DE GRUPO PARA SE FAZER NA ESCOLA são uma aposta de aliar a reflexão sobre a língua e seu uso, nos seus quatro eixos, à formação de sujeitos participativos e conscientes de seu papel na construção de uma sociedade mais ética e solidária. Nesse sentido, considera-se que a língua é um fenômeno sociocultural que só tem sentido na interação e contribui para a formação humana do indivíduo (Marcuschi, 2001).

Para melhor compreensão desta proposta, voltada para a construção de um novo olhar do fazer pedagógico, os conceitos teóricos que lançam luz à esta pesquisa-ação podem ser acessados via dissertação.

Bom trabalho!

[Clique abaixo para baixar a dissertação](#)

☰ SUMÁRIO

Dinâmica 1: Quem sou eu - pág. 7

1º Momento: Motivação: Reconhecendo-se no espelho; - pág. 7

2º Momento: Construindo identidades; - pág. 9

3º Momento: O que nos deixa felizes?; - pág. 12

4º Momento: Reflexão linguística: Construindo o conceito de adjetivo; - pág. 13

5º Momento: Autobiografia; - pág. 14

Dinâmica 2: Famílias modernas - pág. 17

1º Momento: Motivação: Leitura de imagem. Roda de conversa; - pág. 17

2º Momento: Conhecendo histórias; - pág. 21

3º Momento: Ampliando os conhecimentos da língua; - pág. 24

4º Momento: Reflexão linguística: A pontuação e o texto dramático; - pág. 26

5º Momento: Roda de conversa: Avaliação da dinâmica; - pág. 27

Dinâmica 3: Quer conversar melhor? - pág. 27

1º Momento: Motivação: Atiçando a curiosidade sobre o tema; - pág. 28

2º Momento: Refletindo sobre a violência no contexto escolar; - pág. 30

3º Momento: Ampliando a conversa; - pág. 31

4º Momento: Reflexão linguística: Alguns recursos linguísticos que tornam o discurso mais polido; - pág. 32

5º Momento: Conhecendo haicais; - pág. 33

Dinâmica 4: Tempo de delicadeza - pág. 34

1º Momento: Motivação: Leitura protocolada do livro "A coisa perdida", de Shaun Tan; - pág. 34

2º Momento: Conhecendo outros modelos; - pág. 40

3º Momento: Outros olhares; - pág. 41

4º Momento: Reflexão linguística: Mecanismos de coesão; - pág. 44

5º Momento: Criação de poemas e sarau literário; - pág. 44

Preparando o Sarau - pág. 47

Palavras finais - pág. 48

Referências bibliográficas - pág. 49

Mediador:

1. Vale esclarecer que todas as dinâmicas foram elaboradas para 6º e 7º Anos do Ensino Fundamental II; porém, não só as atividades, mas também a linguagem podem ser adaptadas de acordo com o amadurecimento da turma.

2. Em relação ao tempo destinado para cada dinâmica, pode-se afirmar que ele é relativo, devido, principalmente, às especificidades de cada turma. No entanto, algumas considerações devem ser observadas para maior êxito:

I- Não entrecortar sobremaneira as dinâmicas de grupo;

II- Não valorizar demasiadamente uma etapa em detrimento de outra;

III- Não ter pressa na execução das etapas;

V- Abrir espaço para as sugestões e reformulações.

3. Não obstante a tecnologia permita a abordagem de variados conhecimentos linguísticos, a escolha pela sistematização apresentada levou em consideração as necessidades da turma pesquisada.

4. Em casos de críticas, sugestões e esclarecimentos de dúvidas, entre em contato através do email: 18marciavalle@gmail.com.

DINÂMICAS DE GRUPO PARA SE FAZER NA ESCOLA	
TEMA: O (re)conhecimento de si e do outro	TÍTULO: Dinâmica 1: Quem sou eu
OBJETIVOS: Mostrar ao aluno como é importante se conhecer e conhecer o colega para uma boa interação em um grupo; propiciar a leitura de imagens; favorecer a escuta ativa e o respeito aos turnos de fala e à fala do outro.	
OS QUATRO EIXOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM	
LEITURA/ESCUA: Relação texto/imagens, inferências, ampliação do repertório de letramento	
ORALIDADE: Competências linguístico-discursivas (turnos de fala, escuta ativa)	
PRODUÇÃO (ESCRITA E MULTISSEMIÓTICA): Descrição física e psicológica, autobiografia	
ANÁLISE LINGUÍSTICA/SEMIÓTICA: Adjetivos	

1º MOMENTO: MOTIVAÇÃO: RECONHECENDO-SE NO ESPELHO

1ª Etapa: COMO SOU?

Mediador: com seus alunos já em círculo, explique-lhes que irá passar por eles um espelho. Eles devem se olhar com calma e atenção e anotar a primeira palavra que surgir em suas mentes. Por exemplo, alguém se olha e se acha triste, então deverá anotar a palavra "TRISTE".

Após o espelho passar por todos os alunos, peça a cada um que diga a palavra que anotou e que explique o sentido subjetivo daquela palavra. O grupo deverá perceber que haverá relações diretas com o que se viu no espelho, mas haverá, também, associações indiretas. Por exemplo: alguém que diz “descabelado” pode estar sendo direto, já quem disser “decepcionado” pode estar fazendo uma associação indireta.

Mediador: inicie uma reflexão com os alunos, fazendo-lhes alguns questionamentos:

- a. Quais são os fatores que influenciam na visão que cada um tem de si mesmo?
- b. Os outros nos veem como nós nos vemos?

Deixe que os alunos falem livremente sobre ambas as questões.

2ª Etapa: COMO ME VEJO?

Mediador: quando a discussão se esgotar, apresente algumas imagens para serem analisadas pelo grupo.

Mediador: na análise da primeira imagem, reflita com os alunos se o mais comum é as pessoas terem uma imagem positiva de si mesmas ou se a regra geral é as pessoas se verem piores do que são.

Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la

<https://www.slideshare.net/killerspace/o-que-voc-viu-no-espelho-dinmica?ref=>

Acesso em 20/08/2016

Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la

<https://vocenaoviu.wordpress.com/2007/10/01/como-voce-se-ve/>

Acesso em 20/08/2016

Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la

<https://cammilaeabusca.blogspot.com.br/2014/02/espelho-espelho-meu.html>

Acesso em 20/08/2016

Mediador: na análise da 2ª e da 3ª imagens, discuta se há algum problema em termos uma imagem distorcida de nós mesmos. Na 4ª imagem, a reflexão deve abranger a influência do gênero na visão que cada um tem de si.

Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la

<https://twitter.com/leoninofalando/status/774407422307860480>

Acesso em 20/08/2016

Mediador: nesta imagem, a reflexão deve caminhar no sentido de qual é a imagem que temos de nós mesmos, como nos vemos. Se a forma como nos vemos retrata a realidade. Esta imagem reflete uma visão muito negativa, pois a personagem se vê como um saco de lixo.

2º MOMENTO: CONSTRUINDO IDENTIDADES

1ª Etapa: Ampliando a reflexão

Mediador: para os alunos refletirem sobre as semelhanças e as diferenças entre as pessoas, a imagem que temos de nós mesmos e aquela que as demais pessoas têm, entregue a cada um deles uma letra de canção que tenha relação com essa temática. Uma sugestão é “Quem eu sou”, da banda Hori, composição de Fiuk.

Banda Hori

<http://jornalvezevoz.blogspot.com.br/2010/04/yes-rock-com-banda-hori-em-sao-caetano.html>

Acesso em 20/08/2016

<https://www.youtube.com/watch?v=WB99CgjSWco>

Acesso em 20/08/2016

Não quero mais saber o que eles vão dizer	Agora eu te quero, depois eu já não sei
Sobre o que eu vou fazer ou sobre o que eu não vou ser	Mas quando estamos juntos nada mais importa aqui
O caminho é longo, eu sei	Será que eu tenho sorte? Será que é ilusão?
E eu vou fazer valer	De ver que a minha história foge dessa confusão
Cada segundo que eu passo sem dizer porque	
	Eu vou pular mais alto
Vou mergulhar mais fundo,	Aonde eu possa ver
Sair do quarto escuro	Além do olhar que me deixou aqui
Vou descobrir o que é melhor pra mim	São tantos desencontros
Que profissão eu quero	São tantas linhas tortas
Futuro que eu espero	Formando a identidade que eu sempre sonhei pra mim
Vou encontrar o que me faz feliz	
	Se é pra eu tentar ser alguém bem melhor
Sem saber o que vai ser (vai ser)	Deixa eu tentar ser quem eu sou
Sem saber o que vai ser	Ganhar ou perder, tanto faz, não importa
	Eu quero é mais ser quem eu sou
Se é pra eu tentar ser alguém bem melhor	Se é pra eu tentar ser alguém bem melhor
Deixa eu tentar ser quem eu sou	Deixa eu tentar ser quem eu sou
Ganhar ou perder, tanto faz, não importa	Ganhar ou perder, tanto faz, não importa
Eu quero é mais ser quem eu sou	Eu quero é mais ser quem

Sem saber o que vai ser (vai ser)	Ganhar ou perder, tanto faz, não importa
Sem saber o que vai ser	Eu quero é mais ser quem eu sou
Sem saber o que vai ser (vai ser)	Eu sou
Sem saber o que vai ser	Eu quero é mais ser quem eu sou
Se é pra eu tentar ser alguém bem melhor	https://www.vagalume.com.br/malhacao/hori-quem-eu-sou.html . Acesso em 24/08/2016)
Deixa eu tentar ser quem eu sou	

Mediador: certifique-se de que houve entendimento do texto da canção, formulando algumas perguntas.

- **“Não quero mais saber, o que eles vão dizer”**. A quem o eu poético pode estar se referindo?
- Sobre o que o eu poético não quer saber?
- Na segunda estrofe, o que o eu lírico propõe para “tentar ser alguém bem melhor”?
- **“São tantos desencontros/São tantas linhas tortas/Formando a identidade que eu sempre sonhei pra mim”**. O que podem ser os desencontros e as linhas tortas que formam a identidade do eu poético?
- O que o eu poético reafirma que quer ser?

Mediador: aproveite o momento para utilizar algumas estratégias de leitura como, por exemplo, levantamento e verificação de hipóteses formuladas a respeito do texto, estabelecimento de relações entre aquilo que os alunos leem e as experiências vividas; discussão e compartilhamento das reflexões feitas durante a leitura.

2ª Etapa: Cada um com sua identidade

Mediador: entregue aos alunos os textos abaixo, um de cada vez: *Cada um com seu jeito* (Elias José) e *Identidade* (Pedro Bandeira). Apresente aos alunos os autores de cada um deles. Faça a leitura de cada um, primeiro por um aluno e depois pelo mediador. À medida em que a leitura flui, faça algumas paradas estratégicas para construir com os estudantes coletivamente a compreensão dos textos.

Mediador: os textos podem ser adaptados para leitores menos ou mais proficientes. Um exemplo de adaptação para leitores mais maduros é o **Poema em linha reta**, de Fernando Pessoa.

1. Cada um com seu jeito - Elias José

Se João, a Maria, a Teresa
Tivesse a pele clarinha,
olhos azuis
e nariz arrebitado
- Como a Inês-
que chato olhar pros três.

Se o Chico, o Milton, o Roberto,
o Gil e o Caetano
cantassem e tocassem
como o João Gilberto,
eu nem queria ficar perto.

Se o Mário, o Tampa, o Toninho,
o Toco e o Chiquinho
medissem dois metros

como o Tonhão.
Como as meninas
fariam comparação?

Cada um tem sua raça, seu nome,
profissão, seu jeito e a sua cor.

Como o mundo seria sem graça,
se a comida tivesse um só sabor.

<https://www.vagalume.com.br/malhacao/hori-quem-eu-sou.html> Acesso em 24/08/2016

2. Identidade - Pedro Bandeira

Às vezes nem eu mesmo
sei quem sou.
às vezes sou.
"o meu queridinho",
às vezes sou
"moleque malcriado".
Para mim
tem vezes que eu sou rei,
herói voador,
caubói lutador,
jogador campeão.
às vezes sou pulga,
sou mosca também,
que voa e se esconde

de medo e vergonha.
Às vezes eu sou Hércules,
Sansão vencedor,
peito de aço
goleador!
Mas o que importa
o que pensam de mim?
Eu sou quem sou,
eu sou eu,
sou assim,
sou menino.

(Transcrito de Cavalgando o arco-íris. São Paulo, Moderna, 1985).

<https://www.recantodasletras.com.br/gramatica/3930245> Acesso em 24/08/2016

Mediador: você pode refletir com os alunos:

- O que sugere o título do poema.
- A palavra identidade em suas várias acepções. Depois da leitura do poema, o sentido que a palavra **Identidade** assume no texto.
- A mescla de sentimentos contraditórios do eu poético. Identificar e elaborar possíveis hipóteses para tal fato.
- Levantar hipóteses sobre quem é o provável interlocutor do eu poético a partir de pistas do texto.
- As expressões referenciais do eu poético: **"rei", "pulga", "mosca", "Hércules"** e como

elas contribuem para a construção do sentido do texto.

- As possíveis leituras dos quatro últimos versos.

Mediador: este é um momento propício para ampliar os conhecimentos dos discentes acerca do sentido literal e figurado que as palavras assumem no uso da língua.

3ª Etapa: Construindo identidade

Mediador: entregue a cada um dos alunos um recorte de pessoa (você pode pedir aos alunos que eles mesmos façam suas representações). Leve alguns moldes, feito em papel ofício.

Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la

<http://www.360training.com/blog/community-service-in-the-workplace/>

Acesso em 20/09/2016

Peça a cada aluno que pense em si mesmo e faça seu autorretrato, descrevendo-se física e psicologicamente. Alerta aos alunos que eles não deverão assinar seus bonecos recortados.

Após todos os perfis estarem prontos, eles deverão ser recolhidos e misturados como cartas de baralho e cada aluno deverá pegar um perfil que não seja o seu próprio.

Os alunos deverão ler o perfil em voz alta e tentar "adivinhar" quem é o dono daquela personalidade. O mediador deverá perguntar se ele acertou ou não. Nessa etapa, o mediador deverá

ressaltar nossas semelhanças com os outros, a divergência entre a imagem que fazemos de nós e a que os outros constroem, os defeitos e qualidades que os outros veem em nós, mas que nós não percebemos. Recolha todos os perfis e faça um varal na sala de aula, intitulado “Aqui tem gente”.

3º MOMENTO: O QUE NOS DEIXA FELIZES?

Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la

<http://veraeideias.blogspot.com.br/2010/02/para-festejar-volta-as-aulas.html>

Acesso em 20/09/2016

1ª Etapa: Duas dúzias de coisinhas à toa que deixam a gente feliz Otávio Roth

Mediador, a fim de reforçar nossas semelhanças e dessemelhanças com os outros, avise aos alunos que você lerá (e/ou exhibirá) o conteúdo de um livro intitulado “Duas dúzias de coisinhas à toa que deixam a gente feliz”, de Otávio Roth. Versão em slide: <http://www.slideshare.net/fabianahonorato/duas-dúzias-de-coisinhas-toa-que-deixam-a-gente-feliz-7910298>.

Peça aos alunos para levantarem o dedo e anotarem no caderno sempre que o verso descrito no livro também o fizer feliz. Vá lendo calmamente os 24 versos do livro.

Após terminar a leitura, crie uma estratégia de publicizar a lista de cada um de modo a se perceberem semelhanças e diferenças de gostos. Discuta, ainda nesse momento, o grau de (in)satisfação do grupo, a capacidade de cada um de se alegrar com coisas simples. Peça aos alunos que marcaram vários versos para falarem de onde vem a sua alegria de viver.

2ª Etapa: Escrevendo versos

Mediador: peça a cada aluno que escreva no seu caderno uma frase que contemple algo simples que o deixa feliz. Dê-lhes alguns exemplos: *andar na chuva; jogar futebol no domingo; ver filmes em dias frios...* A seguir, entregue aos alunos um *post it*. Procure variar as cores o máximo possível. Depois de verificada a escrita pelo mediador, os alunos deverão escrever a frase em seu *post it* e colá-lo em uma folha A3 que ficará no centro da sala e terá o título em letras grandes:

Coisas à toa que deixam a gente feliz!

Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la

Mediador: proponha aos alunos que eles redijam um poema “**Quem eu sou**”. Dê-lhes um prazo suficiente para que possam preparar uma boa declamação para a turma. Monte um mural com os poemas.

3ª Etapa: Roda de conversa

Mediador: numa roda de conversa, faça uma síntese de todas as etapas e peça aos alunos que elaborem uma apreciação da dinâmica, avaliando o que foi aprendido, o que mais gostaram, se houve algum incômodo.

4º MOMENTO: REFLEXÃO LINGUÍSTICA: CONSTRUINDO O CONCEITO DE ADJETIVO

1ª Etapa: Construindo o conceito de adjetivo

Mediador: explique aos educandos que tanto para a atividade do espelho quanto para a descrição de si mesmos eles precisaram de termos e expressões que revelaram ao ouvinte/leitor uma visão mais ampliada a respeito de, por exemplo, características físicas e psicológicas dos colegas, sentimentos positivos ou negativos vivenciados por cada um, a forma de se posicionar no mundo.

Entregue aos alunos trechos dos poemas produzidos por eles.

Mediador: usando os recortes dos poemas produzidos, proponha algumas atividades em dupla, como, por exemplo:

1. Identificar as palavras ou expressões que :
 - a) refiram-se às características físicas do eu lírico.
 - b) refiram-se às características psicológicas do eu lírico.
 - c) revelem um juízo de valor.
2. Perceber a contribuição do adjetivo em pares de frases como:
 1. Gosto de livro - "Gosto de livro de fantasia"
 2. Gosto de comida - " Gosto de comida mexicana"

Mediador: reflita com os alunos acerca da contribuição dessa classe gramatical na criação de sentidos do texto. Também chame a atenção para a concordância entre substantivo e adjetivo.

Esclareça como tais palavras são denominadas (adjetivos/locução adjetiva), de acordo com a gramática normativa, e mantêm estreita relação com os nomes a que se referem. Explore, ao máximo, os exemplos retirados dos textos discentes.

Mediador: para a ampliação do repertório dos alunos, entregue um dicionário para cada dupla e solicite que procurem palavras sinônimas que possam ser empregadas no lugar de cada um dos adjetivos usados em seus poemas. Estimule-os a refletirem sobre a possibilidade ou não de mudança de significado.

Mediador: leve os alunos a perceberem que o adjetivo contribui e muito na criação de efeitos de sentidos pretendidos pelo falante/escritor. "É ele que nos permite expressar os seres e os objetos enriquecidos pelo que nossa imaginação e sensibilidade lhes atribui" (CUNHA & CINTRA, 2001, p.265).

Sistematizando:

O adjetivo pode ter, entre outras funções, efeito enfático, pode intensificar e enaltecer posi-

Clique nas imagens para ampliá-las e baixá-las

va ou negativamente o ser a que se refere, pode revelar uma posição argumentativa, as sutilezas do pensamento.

Mediador: o assunto não se esgota. Outros pontos que podem ser abordados no trabalho com os adjetivos:

- A sua posição (anteposto ou posposto ao substantivo), em que eles podem assumir outros valores semânticos. É importante os discentes perceberem as mudanças de sentido que ocorrem em alguns casos.
- O ponto de vista sintático, ou seja, o adjetivo se refere sempre a um substantivo, concordando com ele em gênero e número e modificando-o.
- O ponto de vista morfológico, isto é, a possibilidade de algumas palavras exercerem a função tanto de substantivo quanto de adjetivo, a depender do contexto de uso ("Sou doce como pudim"/ O doce ficou pronto.). Fora de um contexto, não podemos classificá-las como substantivo ou adjetivo.
- O diminutivo e suas conotações.

As atividades sugeridas têm o objetivo de esclarecer para os alunos o funcionamento da língua materna. Corroborando com Antunes, a gramática "compreende o conjunto de regras que especificam o funcionamento de uma língua[...], não existe língua sem gramática [...], não existe falante sem conhecimento de gramática" (ANTUNES, 2009, p. 85-86).

5º MOMENTO: AUTOBIOGRAFIA

1ª Etapa: Conhecendo o gênero

Mediador: como fechamento da reflexão e dos aprendizados ao longo da dinâmica, proponha

a produção textual de uma autobiografia.

Explique aos discentes que este gênero é uma outra oportunidade de eles se conhecerem um pouco mais, lembrando-se de acontecimentos que os deixaram felizes ou tristes, que foram marcantes, dentre outros. É também oportuno para que todos se conheçam melhor, à medida em que as produções são compartilhadas e comentadas por todos do grupo, ou seja, os alunos terão o que e para quem dizer algo.

Para esta produção, prepare-os na intenção de fornecer alguns recursos necessários para produzirem um bom texto.

Oralmente, buscando o conhecimento prévio dos alunos, pergunte a eles o que é biografia, se já leram ou escreveram uma biografia, qual é o conteúdo deste gênero textual, qual a linguagem utilizada em uma biografia, o que eles supõem que seja autobiografia.

Explique aos alunos que o assunto, por excelência, dos relatos autobiográficos são o registro da realidade e das experiências da pessoa que se propõe a escrevê-la.

Mediador: segundo Lejeune, a autobiografia é definida como um "Relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, pondo ênfase em sua vida individual e, em particular, na história de sua personalidade" (LEJEUNE, 2008, p. 14 apud SANTOS, 2009, p. 39).

Mediador: leve seus alunos a perceberem que nesse gênero textual:

- O protagonista da história é, necessariamente, o próprio autor, ou seja, o autor é também narrador e personagem. Por isto, é feito na primeira pessoa.
- Os textos tendem a mostrar os principais episódios da vida do autor, geralmente em ordem cronológica. A pessoa escolhe o que vai escrever sobre ela mesma. Ao fazer este exercício o narrador reflete sobre si mesmo.
- Os textos autobiográficos destinam-se a leitores em geral, em especial aos que têm interesse em conhecer melhor a vida de determinadas pessoas.
- Em relação ao tipo de discurso, esclareça aos alunos que predomina o relato, ou seja, textos

não-ficcionais que falam sobre fatos reais, não são histórias "inventadas".

- Quanto a análise das marcas linguísticas, este tipo de texto possui uma série de tópicos gramaticais que podem ser sistematizados (pronomes pessoais e possessivos na primeira pessoa - singular ou plural); tempos verbais mais constantes - Pretérito Perfeito e no Pretérito Imperfeito; palavras ou expressões com valor temporal e espacial, palavras e expressões com valor adjetival etc.)
- O relato dos fatos no texto autobiográfico aparece frequentemente pontuado de lembranças, que passam pelo lado emocional de quem o produz. Por isso, pode-se dizer que é um texto carregado de subjetividade. A subjetividade pode ter mais expressividade por meio do uso de expressões adjetivais.

Mediador: a escrita de si está ligada ao contexto histórico-social em que o narrador está inserido, e, muitas vezes, poderá trazer informações importantes sobre o autor relato.

Mediador: leve os alunos ao Laboratório de Informática (doravante, LI) para que pesquisem uma biografia. Uma sugestão é a pesquisa de um dos autores citados ao longo a dinâmica de grupo.

2ª Etapa: Ampliando o repertório

Mediador: entregue aos educandos os textos autobiográficos abaixo.

I. Tatiana Belinky

Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la

Nasci em São Petersburgo, na Rússia, e cheguei ao Brasil, em São Paulo, aos dez anos de idade, com meus pais e dois irmãos menores.

Desde pequenininha, eu adorava as histórias maravilhosas que meus pais e avós contavam e liam. Os livros me fascinavam, tanto assim que comecei a ler sozinha aos quatro anos de idade - e nunca mais parei...Eu gostava demais de histórias fantásticas, de aventuras, de magias, histórias de rir, de chorar, de ter medo. Nos meus devaneios eu imaginava ser até bruxa - bonita e poderosa, capaz de fazer o que me desse na telha: coisa boas de preferência, mas também uma maldadezinha de vez em quando, "se necessário..."

Aqui em São Paulo continuei lendo muito. Cresci, casei, tive filhos e netos, e agora até bisnetos. E escrevi muito, desde cartas e diários até traduções, roteiros de televisão, críticas em jornais... Até que um dia escrevi algumas histórias inventadas, que uma editora publicou - e de repente eu virei escritora. Continuando a gostar de histórias fantásticas, de aventuras, de bruxarias, magias e outras feitiçarias.

II. Ana Maria Machado

Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la

Meu nome é Ana Maria Machado e eu vivo inventando histórias. Algumas delas, eu escrevo. E dessas que eu escrevo, algumas andam virando livros. Em sua maioria, livros infantis, quer dizer, livro que criança também pode ler. Adoro meu trabalho. Ainda bem, porque acho que não ia conseguir viver se não escrevesse. Tanto assim, que já fui professora, já fui jornalista (já fui até chefe de uns trinta jornalistas ao mesmo tempo), já fiz programa de rádio e acabei largando tudo para só viver de livro: escrevendo e cuidando da Malasartes , que é a minha livraria para crianças. Coisas de que gosto: gente, mar, sol, natureza em geral , música , fruta, salada, cavalo, dançar , carinho. Coisas que não aguento: qualquer forma de injustiça ou prisão e gente que quer cortar a alegria dos outros. Mas isso nem precisava dizer - é só ler meus livros que todo mundo fica sabendo.

III. Gleyson

Meu nome é Gleyson. Eu tenho 13 anos e estou na 5 série. Faço muitas coisas que qualquer um não pode fazer: montar a cavalo, jogar bola, soltar pipa, jogar bolinha de gude.

Nasci no Nordeste , no Piauí, por isso tenho este apelido - Piauí - entre meus colegas.

Eu não tinha condições de morar lá, por causa da seca. Então, o meu pai pensou em vir para São Paulo e aqui ele conseguiu um emprego. Agora, nós não estamos passando mais aquele mesmo sufoco que passávamos lá.

Eu me divirto como qualquer outra criança. Brinco e faço coisas como as outras. Leio gibis, a Bíblia e as lendas do folclore.

Esse sou eu...

Gleyson Willians da Silva Soares,5B.EMEF SP

Link: <http://deusnuncapisca.blogspot.com.br/2011/04/exemplos-de-relatos-autobiograficos.html> Acesso em 10/09/2016

Mediador: após ler com os alunos os textos autobiográficos e verificar a compreensão integral dos mesmos, você pode trabalhar as seguintes questões:

1. Revejam as características do gênero textual autobiografia e explique com suas palavras por que se pode afirmar que os três textos são autobiográficos.
2. Que marcas linguísticas deixam em evidência qual é o tipo de narrador em cada texto?
3. Quem são os narradores de cada um dos textos?
4. Nos três textos, o tempo da narrativa é marcado por palavras e expressões que informam ao leitor qual é o período dos acontecimentos relatados.
 - a. Qual é o tempo (passado, presente ou futuro) do relato?
 - b. Comproven sua resposta com pelo menos 3 exemplos de cada texto.
5. No texto I, quais são as palavras que ampliam as informações a respeito da narradora em relação a:
 - a. Seus irmãos?
 - b. O tipo de história de que gostava mais?
 - c. O tipo de bruxa que ela queria ser?
 - d. Quais são as informações que cada um desses termos acrescenta ao nome a que se referem?
6. Comparem:

“Eu adorava as histórias maravilhosas”
“Eu gostava demais de histórias fantásticas , de aventuras, de magias, histórias de rir, de chorar, de ter medo.”

Em sua opinião, há diferença de significado entre os termos sublinhados? Se sim, explique quem.
7. Releiam o texto II e, com base nas informações contidas nele, respondam:
 - a. Quem é Ana Maria Machado.

b. O que é a Malasartes?

8. Quem é o narrador do último texto?

9. Levantem hipóteses: por que o narrador do texto III diz que faz coisas que ninguém pode fazer?

3ª Etapa: Escrevendo autobiografias

Mediador: estimule os discentes a escreverem suas autobiografias em prosa, contando sobre sua infância até o momento. Para tal,

- Crie uma linha do tempo. O ponto de partida é a data de seu nascimento. Ao longo da linha, vá datando e marcando fatos importantes em sua história;
- Transforme a linha do tempo em um texto em prosa, relatado no passado e no qual você relata a sua trajetória real de vida.

Numa roda de conversa, solicite que os educandos compartilhem a leitura do texto.

Mediador: a construção da linha do tempo pode ser feita em parceria com o professor de História.

DINÂMICAS DE GRUPO PARA SE FAZER NA ESCOLA

TEMA: Relacionamentos familiares

TÍTULO: Dinâmica 2: Famílias modernas

OBJETIVOS: Propiciar aos alunos a reflexão sobre a constituição da família, enfatizando a família moderna; refletir sobre os problemas e as alegrias que são inerentes às famílias.

OS QUATRO EIXOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM

LEITURA/ESCUA: Relação texto/imagens, inferências, leitura compartilhada, ampliação do repertório de letramento

ORALIDADE: Competências linguístico-discursivas (turnos de fala, escuta ativa): teatralização, debate argumentativo.

PRODUÇÃO (ESCRITA E MULTISSEMIÓTICA): Painel artístico, roteiro teatral

ANÁLISE LINGUÍSTICA/SEMIÓTICA: Sinais de pontuação (parênteses, ponto de interrogação}

1º MOMENTO: MOTIVAÇÃO: LEITURA DE IMAGEM. RODA DE CONVERSA

1ª Etapa: Estimulando a reflexão sobre o tema

Mediador: projete imagens de diversas configurações familiares, estimulando os alunos a perceberem os elementos que compõem cada cena, bem como o tema que une todas as imagens, ou seja, a família e suas diversas configurações

Clique nas imagens para ampliá-las e baixá-las

<http://jisjoaosalaa.blogspot.com.br/2013/05/a-nossa-familia-ao-estilo-de-tarsila-do.html>

Acesso em 23/09/2016

<http://ermundodemanue.blogspot.com.br/2014/04/jan-steen-obras.html>

Acesso em 23/09/2016

Mediador: depois de trabalhar todas as imagens, divida a turma em três grupos e, no LI, peça aos alunos para pesquisarem sobre os dois artistas, com apresentação para o grupo de algumas informações pertinentes sobre eles.

Clique nas imagens para ampliá-las e baixá-las

<http://jornalggn.com.br/tag/blogs/familia-moderna> Acesso em 10/10/2016

<http://modern-family-tv.com/tag/shelley-long/> Acesso em 10/10/2016

Mediador: a cada imagem, incentive os discentes a se manifestarem a respeito do que veem na cena; o que a compõe; o que está sendo retratado. Deixe que eles falem livremente, observando os turnos de fala.

Ao terminar de exibir as imagens, peça a eles para:

- a. Compararem as imagens;
- b. Situarem-nas no tempo, ou seja, quais retratam um tempo já mais distante, quais estão mais próximas dos dias atuais;
- c. Identificarem os elementos nas cenas que simbolizam o tempo mais presente e o mais distante;
- d. Levantarem hipóteses sobre os sentimentos que as imagens podem suscitar;
- e. Opinarem sobre o tipo de formação familiar retratada;

Em seguida, questione-os se há alguma imagem que se aproxima de suas realidades; como são as suas famílias; se eles conhecem alguma família cuja formação seja diferente da sua; qual o conhecimento que eles têm a respeito da formação familiar ao longo da história, comparando com as de hoje .

Numa roda de conversa, dialogue com os alunos sobre o que, para eles, deve ser considerado importante para a constituição de uma família e peça que elaborem o conceito que cada um tem de família para compartilhar no grupo.

Mediador: provavelmente muitos alunos são oriundos de famílias cuja formação é muito diferente daquela considerada tradicional. É o momento deles refletirem sobre as mudanças, não só sob a ótica de sua formação, mas também das mudanças de papéis de pai e mãe, características das famílias modernas.

2ª etapa: Compartilhando histórias diferentes

Mediador: a fim de propiciar momentos de reflexões com os alunos sobre as semelhanças e diferenças entre as suas famílias e a dos colegas, promovendo assim maior conhecimento entre o grupo e, conseqüentemente, o aprendizado de “viver juntos com histórias diferentes”, trabalhe uma letra de canção e alguns poemas. São momentos em que os eixos da leitura, incluindo a literatura, e a oralidade estarão em evidência.

Entregue aos alunos a letra de uma música que tenha relação com o tema. Por exemplo, “Família”, da banda Titãs. Leia com eles a letra da canção.

Uma sugestão para leitura é dividir a letra da canção em estrofes, numeradas de 1 a 9 e entregar cada parte aos alunos, de forma aleatória. Solicite que leiam na ordem da numeração.

Família! Família!	Família êh! Família ah!
Papai, mamãe, titia	Família!
Família! Família!	
Almoça junto todo dia	Família! Família!
Nunca perde essa mania	Vovô, vovó, sobrinha
	Família! Família!
Mas quando a filha	Janta junto todo dia
Quer fugir de casa	Nunca perde essa mania
Precisa descolar um ganha-pão	
Filha de família se não casa	Mas quando o neném
Papai, mamãe	Fica doente
Não dão nem um tostão	Uô! Uô!
	Procura uma farmácia de plantão
Família êh! Família ah!	O choro do neném é estridente
Família!	Uô! Uô!

Assim não dá pra ver televisão

Uô! Uô!

Botaram cadeado no portão

Família êh! Família ah!

Família êh! Família ah!

Família!

Família!

Família êh! Família ah!

Família êh! Família ah!

Família!

Família!

Família! Família!

Cachorro, gato, galinha

Família êh! Família ah!

Família! Família!

Família!

Vive junto todo dia

Família êh! Família ah!

Nunca perde essa mania

Família!

A mãe morre de medo de barata

<https://www.letras.mus.br/titas/48973/>

Uô! Uô!

Acesso em 21/09/2016

O pai vive com medo de ladrão

Jogaram inseticida pela casa

Mediador, após a leitura integral do texto, retome-o por partes, mediando a construção de seu sentido, oralmente.

- O tema da canção é **“Família”**. Em sua opinião, o texto fala de uma única família ou de um modo geral?
- Quem compõe a família na 1ª, na 4ª e na 7ª estrofes?
- O verso **“Nunca perde essa mania”** se repete nestas três estrofes. Qual é a mania que não se perde em cada situação?
- Na segunda estrofe, um novo membro da família entra em cena, a filha que quer fugir de casa.

- a. Levantem hipóteses: por que a filha quer fugir de casa?
- b. Qual é a consequência desse fato?
- c. Qual é o sentido das expressões **“descolar um ganha-pão”** e **“filha de família”**?
- Além do vovô, da vovó e da sobrinha, citados na quarta estrofe, novamente na seguinte aparece um outro integrante: o neném. Qual é o adjetivo empregado para reforçar o incômodo causado pelo choro da criança? Qual é a consequência, para a família, de o choro ser desta forma?
- A 8ª estrofe nos revela o medo que a mãe e o pai têm .
 - a. Quais são as locuções adjetivas que informam ao leitor que se trata de medos diferentes?
 - b. Que providências foram apresentadas como forma de superar o medo de cada um?

Mediador: depois dessa discussão, incentive os alunos a compartilharem suas vivências familiares, coordenando discussões como:

- As ações de almoçar, jantar e viver juntos na mesma casa são comuns na rotina familiar.
 - a. Qual ou quais delas faz(em) parte da rotina da sua família?
 - b. Além destas, que outras situações fazem parte do cotidiano das famílias, de um modo geral?
- De acordo com um dicionário online, **mania** pode ser assim definida: 1 - Aferro a uma ideia fixa. 2 - Capricho, teima. 3 - Desejo imoderado. (<https://dicionariodoaurelio.com/mania>) Acesso em 22/09/2016
 - a. Na sua opinião, as ações de almoçar, jantar e viver juntos agregam à palavra MANIA uma ideia positiva ou negativa?
 - b. Suas famílias têm alguma mania que vocês consideram positiva para a convivência? Qual?

Mediador: ao final da atividade, coloque a música para que os educandos ouçam-na. Depois, entregue a cada um o poema “Família”, de Carlos Drummond de Andrade. Apresente aos alunos o poeta. Fale um pouco sobre ele, forneça alguns dados biográficos, a época em que viveu sua infân-

cia. Pergunte se eles conhecem algum verso ou mesmo algum poema de Drummond, recite alguns versos famosos. Em seguida, informe-lhes que lerão um poema relacionado com o tema da dinâmica.

Família
Carlos Drummond de Andrade

Carlos Drummond de Andrade. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1978.

Três meninos e duas meninas,
sendo uma ainda de colo.
A cozinheira preta, a copeira mulata,
o papagaio, o gato, o cachorro,
as galinhas gordas no palmo de horta
e a mulher que trata de tudo.

A espreguiçadeira, a cama, a gangorra,
o cigarro, o trabalho, a reza,
a goiabada na sobremesa de Domingo,
o palito nos dentes contentes,
o gramofone rouco toda noite
e a mulher que trata de tudo.

O agiota, o leiteiro, o turco,
o médico uma vez por mês,
o bilhete todas as semanas
branco! Mas a esperança sempre verde.
A mulher que trata de tudo
e a felicidade.

<http://www.citador.pt/poemas/familia-carlos-drummond-de-andrade> Acesso em 10/10/2016

2º MOMENTO: CONHECENDO HISTÓRIAS

1ª Etapa: Teatralização

Mediador: para promover a integração da turma e a criatividade, proponha a encenação do conto TCHAU, de Lygia Bojunga Nunes, da seguinte maneira:

- I. O texto é dividido em seis partes; por isso divida os alunos para que sejam encenadas as seis partes, com alunos diferentes em cada uma delas. Ou seja, diferentes alunos farão o papel da mesma personagem em cenas diferentes.
- II. Entregue a cada grupo somente a parte do texto que será encenada. Os discentes só terão a compreensão da história completa após a dramatização.
- III. Combine com eles como será a apresentação, o cenário de cada parte, figurino etc.
- IV. Utilize algumas aulas para o ensaio. (o número de aulas para ensaio pode variar de acordo com o desenvolvimento dos alunos para a realização da atividade.)
- V. Depois da dramatização, em círculo, faça a mediação para que os alunos contem a história encenada. Assim, poderão ter a visão global do texto.

2ª Etapa: Leitura do conto

Mediador: entregue o conto completo para os alunos e proponha a leitura do texto. Antes, mostre o livro e explore com eles a sua capa, o nome do título, da editora e da autora.

Sobre o título,

- Pergunte aos alunos qual é a diferença entre as palavras **“tchau”** e **“adeus”**.
- Peça que levantem hipóteses:
 1. Quem pode ser a figura central da imagem?

Mediador: peça a um aluno para ler todo o poema, num primeiro momento, e, depois, retome a leitura do texto, por estrofe.

- O poema aborda a rotina de uma família. Como é constituída a família retratada no poema?
- Pode-se dizer que o texto fala de uma família nos dias atuais ou de um tempo mais antigo? Que pistas o poema fornece que justificam sua resposta?
- Mesmo com a ausência quase total de verbos, no texto há uma sequência de ações sendo realizada.
 - a. Levantem hipóteses: quem poderia ser a pessoa que realiza as ações descritas na segunda estrofe?
 - b. O que podem representar os elementos da última estrofe?
- Há no poema um verso que se repete em cada estrofe, o único que apresenta verbo (tratar): **“e a mulher que trata de tudo”**.
 - a. Quem é esta mulher?
 - b. Qual o seu papel nesta família?
- Releiam o último verso e expliquem o que ele sugere.

Mediador: propicie a reflexão dos discentes acerca de:

- As semelhanças e as diferenças entre a mulher do poema, as mulheres de sua família e as mulheres em geral.
- Se a família retratada no poema se assemelha a sua.

Mediador: fica como sugestão a pintura de quadros com o tema família para expor na escola.

Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la

<http://degustandoaleitura.blogspot.com.br/2010/11/resenha-do-livro-tchau.html> Acesso em 13/10/2016

2. Para onde supostamente está olhando?

3. O que pode sugerir a palavra que dá título ao conto?

Mediador: mostre aos alunos o quadro do pintor norueguês Edvard Munch. Aproveite para apresentar aos alunos esse artista.

- Estimule-os a perceberem as semelhanças entre o quadro e a capa do livro.

Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la

<https://luaweblog.wordpress.com/2003/11/28/edvard-munch/> Acesso em 13/10/2016

- Explique aos alunos o que é intertextualidade

Mediador: antes da leitura, explique aos alunos que o gênero textual conto, entre outros aspectos, caracteriza-se por apresentar: poucos personagens; espaços restritos (dois ou três), curto tempo de duração da história, um único conflito narrativo etc. No endereço abaixo, você encontra uma versão deste conto. <http://milenafrare.blogspot.com.br/2011/03/tchau-lygia-bojunga.html>

Proponha a leitura do primeiro capítulo **“O buquê”**, a ser feita por três alunos: o narrador, a mãe e Rebeca. Explique aos educandos que quando se recebe um buquê de flores, logo se imagina quem pode ser o seu remetente.

- Levantem hipóteses: o que o buquê pode representar?
- Que palavras são usadas no texto que fornecem pistas para o leitor de que a Mãe estava envolvida por uma nova paixão?
- Depois que recebeu o buquê, a Mãe estava **“parecendo nervosa, encabulada”**. Por quê?
- Embora parecendo encabulada, a Mãe, de repente, fica mais bonita.
 - a. Levantem hipótese para o fato de a Mãe parecer mais bonita.
 - b. Como Rebeca reage a este fato?

Mediador: no capítulo 2, **“Na beira do mar”**, a leitura deverá ser feita por três outros alunos - narrador, Rebeca e a Mãe.

- Há **nesta parte** passagens que fazem uma ligação direta com a capa do livro apresentada.
 - a. Aponte pelo menos uma.

b. Na sua opinião, o que pode significar o movimento da **“Mãe”, “olhando pro mar e mais nada”?**

- Rebeca brincava de fazer um castelo na areia e largou-o quando a “Mãe” deu a notícia da separação.
- Que leituras podem ser feitas quando o narrador diz que Rebeca **“olhou num susto pra Mãe”** e, no final do capítulo, **“ficou olhando pro castelo desmanchado”?**
- Parece haver nesse capítulo uma inversão de papéis entre filha e mãe. De que forma pode-se observar esta inversão?
- Quais foram as escolhas lexicais feitas pela autora para indicar ao leitor que a Mãe estava totalmente dominada pela paixão?

Mediador: o terceiro capítulo, **“No sofá da sala”**, a leitura deverá ser feita por um narrador, o Pai e a Mãe.

- Normalmente o sofá de uma sala é um lugar em que se agregam as pessoas da família, onde se recebem os amigos, as visitas. Neste episódio, pode-se afirmar que o sofá representa o lugar de união da família de Rebeca? Por quê?
- Que elementos do texto demonstram o medo, a rejeição e a insegurança de Rebeca?
- Por que o pai compara Nikos a um **“deus que desceu do Olimpo”?**

Mediador: o capítulo quarto, **“Na mesa do botequim”**, pode ser lido por um narrador, o Pai e Rebeca.

- Por que o Pai diz que o local não era lugar para criança?
- Observa-se neste capítulo, mais uma vez, o amadurecimento de Rebeca mediante a fraqueza do Pai.

- a. Que elementos presentes na fala do Pai e na cena descrita podem representar a sua fraqueza física e psicológica?
 - b. Na sua opinião, que sentidos metafóricos podem ser atribuídos aos copos vazios sobre a mesa?
 - c. Que sentimentos vocês supõem que o Pai esteja vivenciando neste momento?
- Mediante a fragilidade do Pai, que opta pelo caminho da bebida, Rebeca torna-se forte e corajosa para ajudar o Pai. Qual foi a atitude de Rebeca?

Mediador: em relação ao quinto capítulo, “A mala”, proponha que a leitura seja feita por duas alunas. Antes, porém, explore o título do capítulo, o sentido figurado da palavra que dá nome a ele, apresentando a figura de linguagem metonímia aos discentes. Converse com eles sobre o caráter polissêmico de muitas palavras da língua, as variadas possibilidades de uso que o falante confere ao léxico.

Leiam:

Metonímia: Figura de retórica que consiste no emprego de uma palavra por outra com a qual se liga por uma relação lógica ou de proximidade.
Publicado em: 2016-09-24, Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/metonimia>>.
Acesso em 13/10/2016.

Levantem hipóteses:

- a. Considerando o contexto, que sentido metonímico pode ser atribuído ao vocábulo mala?
- b. Explique qual é a relação de proximidade entre o sentido literal e o metonímico.

Mediador: aqui se pode suscitar com os discentes o emprego da palavra mala como termo adjetival, com valor pejorativo. Indague-os a respeito desse significado e, depois, peça a algum aluno que pesquise no dicionário o sentido figurado da palavra e leia para a turma, por exemplo.

- O conto evidencia que o Pai fez muito pouco para que a Mãe não fosse embora. Em qual trecho desse capítulo isto pode ser observado?
- Simbolicamente, o que representa para Rebeca o seu quarto, lugar onde se refugiou para não constatar que a mãe iria mesmo embora?
- Quais são os termos usados pela autora para retratar os sentimentos de Rebeca? O que eles revelam ao leitor acerca desses sentimentos?
- Releiam os trechos:

“Foi riscando no papel com força, o lápis pra cá e pra lá cada vez com mais força, tlá! a ponta quebrou.”

“Viu tudo de rabo de olho e foi riscando forte, mais forte, mais tlá! a ponta do lápis quebrou outra vez.”

Levantem hipóteses: qual é a relação que pode ser feita entre a ponta do lápis quebrada e os sentimentos da menina?

- **“A ‘Mãe’ correu e abraçou Rebeca com força, demorado, bem apertado, ai! Rebeca fechou o olho: que troço danado pra doer aquele abraço.”** Por que o abraço doía?
- Quando a filha percebe que não obteve êxito quanto à promessa que fez ao Pai, qual foi sua postura?
- Que elementos do texto comprovam que a cena de despedida entre a Mãe e Rebeca foi prolongada?

Mediador: reflita com os alunos a possibilidade de a cena retratar a angústia e o desespero da filha que implora com os olhos para que aquela que geralmente protege, ama, acolhe, não a abandonasse, contradizendo as expectativas vigentes na nossa sociedade.

- A palavra **“mala”** que dá título ao episódio pode significar despedida, no caso da mãe que

vai embora, mas ao final pode representar metonimicamente uma parte dela que ficou na casa. Levando em consideração esta informação, levantem hipóteses para explicar o título do conto ser Tchou e não adeus, por exemplo. Ou seja, o que pode representar a escolha da autora por esta palavra para dar título ao conto.

Mediador: no sexto capítulo: **“O pai volta tarde e encontra um bilhete no travesseiro”** (a ser lido por uma aluna), trabalhe com os educandos:

- Levantem hipóteses:
 - a. Por que Rebeca preferiu falar com o pai por meio de um bilhete?
 - b. Que argumentos a menina usa para alimentar a esperança de que a mãe pode voltar?

Mediador: chame a atenção dos alunos para o tamanho dos títulos dos capítulos anteriores e a extensão do texto com este capítulo.

3º MOMENTO: AMPLIANDO OS CONHECIMENTOS DA LÍNGUA

1ª Etapa: Debatendo opiniões distintas

Mediador: o conto **“Tchau”** traz para sala a discussão acerca da atitude da “Mãe” em deixar a casa, os filhos, o marido, com defesas prós e contra sua atitude. Como as relações conflituosas em sala de aula muitas vezes decorrem do fato de os alunos não saberem ouvir o outro de forma respeitosa, colocar sua opinião com mais clareza e de modo polido, a proposta, então, é promover um pequeno debate com o intuito de confrontar dois pontos de vista distintos: um a favor e outro contra a mãe. Este debate visa, conforme aponta Dolz e Schneuwly (2004, p. 166), a “uma discussão sobre uma questão controversa entre muitos participantes que exprimem suas opiniões ou

atitudes, tentando modificar a dos outros ou ajustando as suas próprias em vista de construir uma resposta comum para a questão inicial”.

Mediador: pergunte aos alunos: o que é um debate e qual é o seu objetivo comunicativo.

Feitos esses esclarecimentos, proponha aos discentes a seguinte questão a ser debatida: A mãe agiu certo ao sair de casa?

Entregue aos alunos aleatoriamente para que escrevam seus argumentos.

Mediador, caso seus alunos não tenham a moldura do debate, exiba um ou mais vídeos de debates para que os educandos observem as posturas adequadas à situação comunicativa, expressões que podem ser empregadas no debate, como: "concordo porque...", "discordo porque...", "concordo com fulano porque...", discordo em parte desta opinião..." , entre outras.

Fica a dica de um vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=PhLizOZRvUs>

Peça aos discentes para buscarem no próprio conto pistas que auxiliarão na elaboração dos argumentos. Os alunos deverão elaborar respostas a possíveis perguntas, bem como elaborarem perguntas de contra-argumentação, tendo em mente que a contra-argumentação necessita ser previamente preparada para que possa dar sustentação ao debate.

Mediador: seguem abaixo algumas pistas do texto que podem ser usadas como argumentos. Os grupos devem buscar evidências e exemplos que servirão de suporte para sua argumentação:

A favor	Contra
- Neste último ano tudo ficou tão ruim entre o pai e eu. Eu sei que ele sempre teve paixão por música, eu já conheci ele assim. Mas desde que o Donatelo nasceu que ele só vive às voltas com aquele violino! é só tocar, estudar, compor, ensaiar; ele me deixou sozinha demais. -...mas este último ano a gente tá sempre discutindo, a gente briga a toda hora.	- Sozinha, como? e eu? e o Donatelo? a gente tá sempre junto, não tá? nós três. E quando o pai não tá com a orquestra, ele também tá sempre em casa. Então? nós quatro. Sozinha por quê?

- Eu me apaixonei por um outro homem, Rebeca. Eu estou sentindo por ele uma coisa que nunca! nunca eu tinha sentido antes. Quando eu conheci o teu pai eu fui gostando cada dia mais um pouco dele, me acostumando, ficando amiga, querendo bem. A gente construiu na calma um amor gostoso e foi feliz uma porção de anos. E mesmo quando eu reclamava que ele gostava mais da música do que de mim, eu era feliz...	-O pai adora você! você não pode...
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------

Mediador: o gênero debate em sala de aula é um instrumento poderoso para o aprimoramento da oralidade, para além dos domínios da vida privada, já que contempla a ampliação de competências comunicativas dos alunos, como a de refutar, negociar as tomadas de posição perante um determinado tema ou sustentar determinado ponto de vista defendido.

Na preparação do debate, reflita com os alunos:

- Um dos princípios a ser seguido dentro de um debate é o respeito ao(s) outro(s) debatedor(es). Os educandos devem ser sensibilizados a escutarem com respeito os pontos de vista dos colegas e apresentarem os seus também de modo respeitoso para não ofender o outro.
- A oralidade vale-se de elementos extralinguísticos na produção de sentidos, como por exemplo, entre outros, prosódia, gestualidade, expressões faciais e corporais.

Mediador: combine com os alunos a apresentação do debate a, considerando o respeito aos turnos de fala, a escuta ativa, as posturas apropriadas.

Mediador: faça a mediação do debate, explicando à turma novamente o motivo do evento. As falas devem se alternar para que todos os participantes exponham seus argumentos.

2ª Etapa: Escrevendo diferente

A teatralização do conto foi a produção inicial para a etapa seguinte que é a retextualização da história. A retextualização do conto para a linguagem teatral poderá contribuir para que os alunos percebam as diferenças entre os dois gêneros.

Segundo Marcuschi, a retextualização não é “um processo mecânico, mas demanda conhecimento de gênero, suporte, tornando-se uma operação complexa que interfere tanto no código quanto no sentido” (MARCUSCHI, 2010, p. 46). E acrescenta que ela pressupõe “uma atividade cognitiva denominada *compreensão*” (MARCUSCHI, 2010, p. 47, grifo do autor). Ou seja, é necessário compreender o que o outro quis dizer em seu texto para dizer ou escrever de maneira diferente, em modalidades ou gêneros diversos.

Mediador: numa roda, peça aos alunos que relatem a experiência da teatralização. Propicie reflexões como:

- A necessidade ou não de um texto específico para uma história ser dramatizada;
- As características necessárias a um texto cujo objetivo comunicativo seja o de ser encenado.
- Os interlocutores a quem se destina o texto dramático.
- Os detalhes necessários além da fala para fazer a história “funcionar” em um palco.

Mediador: entregue aos alunos um texto do gênero **Peça teatral**, a fim de que se familiarizem com o gênero. Uma sugestão é um trecho de *Pluft, o Fantasminha*, de Ana Maria Machado.

Um trecho do texto pode ser acessado através do endereço: http://cdn.editorasaraiva.com.br/wp-content/sites/24/2016/06/04161709/15V4Por_2015_pro.pdf Acesso em 20/10/2016

Mediador: vá identificando com seus alunos as características inerentes ao gênero Peça Teatral (a forma peculiar de introduzir as falas das personagens, as indicações cênicas, a divisão em cenas e atos etc). Após se certificar de que os alunos estão cientes das especificidades do gênero

Peça teatral, divida a turma em 5 grupos de modo que cada grupo se responsabilize pela retextualização de um capítulo do conto **"Tchau"** (os capítulos 5 e 6 serão agrupados em um só).

4º MOMENTO: REFLEXÃO LINGUÍSTICA: A PONTUAÇÃO E O TEXTO DRAMÁTICO

Mediador: geralmente os alunos apresentam grandes dificuldades quanto ao emprego dos sinais de pontuação em suas produções textuais escritas. Estes sinais são extremamente relevantes na constituição do texto e, por isso, devem ser olhados com cuidado, para que os educandos sejam capazes de perceber sua necessidade na escrita e empregarem, sempre que necessário, os recursos que potencializam a expressão linguística.

De acordo com Nina Catach (1996, p. 79), “pontuação é um sistema de reforço da escrita, constituído de sinais sintáticos que participam de todas as funções da sintaxe, gramaticais, entonacionais e semânticas”. Assim, a partir da perspectiva sociodiscursiva da linguagem (Bakhtin), merece ser estudada enquanto operadora de textualidade.

Mediador: explique aos discentes que existem certos recursos da linguagem, como a pausa, a melodia, a entonação, os gestos, que só estão presentes na oralidade. Na escrita, para substituir tais recursos, usamos os sinais de pontuação.

Estimule os alunos a perceberem a importância do emprego de alguns sinais de pontuação (parênteses, travessão, ponto de interrogação) no roteiro teatral.

Peça que releiam, em dupla, o texto **"Pluft, o Fantasminha"**, de Ana Maria Machado e identifiquem as marcas de pontuação que aparecem no texto.

Oriente os alunos a identificarem as partes do texto que estão entre parênteses. Pergunte a eles se usam este sinal de pontuação e em que situações. Depois peça que analisem a sua função no roteiro.

Mediador: leve os alunos ao LI e indique alguns sites com textos teatrais para que as duplas

observem se se confirma o emprego dos parênteses e a sua função neste gênero textual.

<http://www.poeta independente.com.br/profiles/blogs/teatro-infantil-menina> Acesso em 22/10/2016

<http://www.teatrona escola.com/index.php/banco-de-pecas/category/pecas-teatrais-curtas-ou-adaptadas> Acesso em 22/10/2016

Refleta com eles acerca da necessidade das informações contidas nos parênteses para o roteiro teatral (indicar as marcações cênicas) e solicite que sistematizem o emprego deste sinal no gênero roteiro teatral.

Mediador: em relação ao ponto de interrogação, converse com os alunos sobre a marcação da pergunta nas modalidades falada e escrita.

Forme duplas e entregue a cada par uma frase para que seja lida ora de forma declarativa, ora interrogativa. Os discentes devem perceber a diferença na intenção comunicativa e o sentido para o seu emprego na escrita.

Mediador: trabalhe com os educandos a retextualização de um trecho de um áudio contendo diálogos, para que empreguem os sinais gráficos estudados.

Mediador: com a turma organizada na mesma formação da produção dos roteiros teatrais, proponha a refação deste texto, considerando os sinais de pontuação apresentados acima. Cada grupo deve receber um texto diferente daquele que produziu.

5º MOMENTO: RODA DE CONVERSA: AVALIAÇÃO DA DINÂMICA

Mediador, numa roda de conversa, reflita com os alunos a respeito dessa dinâmica, peça a eles para elencarem os pontos positivos e negativos, sugerirem propostas para corrigir o que deu

errado. Tente conduzir a conversa para todos os conhecimentos adquiridos e para as produções feitas ao longo da discussão sobre as famílias modernas.

Mediador: como encerramento dessa discussão, proponha aos alunos:

- A elaboração de um conceito coletivo de família.
- A confecção de um painel artístico no qual conste o conceito de família produzido pela turma, além de poemas, desenhos, caricaturas, pinturas sobre o tema.

DINÂMICAS DE GRUPO PARA SE FAZER NA ESCOLA	
TEMA: Violência verbal	TÍTULO: Dinâmica 3: "Quer conversar melhor?"
OBJETIVOS: Propiciar a reflexão dos alunos sobre formas de violência cotidianas que impedem que as interações humanas aconteçam de forma mais saudável, em especial, a violência verbal.	
OS QUATRO EIXOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM	
LEITURA/ESCUA: Aguçar a responsividade ativa na construção de sentido do texto; reconhecer o ponto de vista e os argumentos que o sustentam num artigo de opinião; conhecer e ler haicais.	
ORALIDADE: Semelhanças e diferenças com a escrita, adequação da fala às situações de uso da língua; escuta ativa; turnos de fala.	
PRODUÇÃO (ESCRITA E MULTISSEMIÓTICA): Comentários virtuais, enquetes, haicais.	
ANÁLISE LINGUÍSTICA/SEMIÓTICA: Eufemismo, futuro do pretérito, pronomes e formas de tratamento.	

A escola é um lugar onde se evidenciam muitos conflitos interpessoais, característicos da “sociedade líquida” (Zygmunt Bauman) em que vivemos. Muitos desses conflitos têm origem no próprio uso da linguagem, ou seja: o que se fala e como se fala. Na sala de aula, esses conflitos são latentes e acarretam prejuízos sérios que demandam tempo e espaço para serem abordados.

É preciso construir em rede um ambiente em que a convivência seja pautada pelo respeito ao outro, às diferenças, à pluralidade, a valores éticos e morais necessários à condição de cidadão dos alunos.

1º MOMENTO: MOTIVAÇÃO: ATIÇANDO A CURIOSIDADE SOBRE O TEMA

1ª Etapa: Fala na cara

Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la

<https://daguiorodrigues.com/2013/07/17/17-coisas-que-geralmente-ninguem-te-fala/comment-page-1/> Acesso em 09/07/2017

Mediador, esta etapa pretende promover a reflexão dos alunos a respeito de formas mais polidas de se dirigir ao interlocutor.

Entregue um pedaço de papel a cada aluno para que escrevam algo que queiram dizer ao outro “na cara”.

Recolha os papéis e, em círculo, leia um a um, anonimamente, mediando as discussões para questões como:

- Vocês gostaram do que ouviram?
- Acharam agradável o modo como as mensagens foram ditas?
- Qual seria provavelmente sua reação se essas mensagens fossem dirigidas a você?

Mediador: incentive todos a se manifestarem e deixe que falem livremente, respeitando-se o turno de fala. Em seguida, peça aos alunos que reelaborem algumas mensagens, pensando na seguinte proposição : **Dependendo da forma como se diz, tudo pode ser dito..**

Refleta com os alunos:

- Qual o impacto que o “modo de dizer” causa no interlocutor?
- Algumas das mensagens podem ser consideradas como uma forma de violência?
- Há situações adequadas a falas mais grosseiras? Que motivos levariam as pessoas a se manifestarem grosseiramente?
- Há situações em que o jeito de falar poderia evitar algum desentendimento entre os interlocutores?
- Considerando que muitos conflitos são provocados pela maneira como nos dirigimos verbalmente ao interlocutor, o que poderia contribuir, nas interações cotidianas, para minimizá-los?

2ª Etapa: O que as imagens abaixo nos dizem?

Mediador: apresente aos alunos as imagens e as tirinhas das cenas abaixo, relacionando-as com o tema da dinâmica.

Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la

<http://atividadesdeportugueseliteratura.blogspot.com.br/2016/06/tirinha-mafalda-em-questoes-do-enem.html> Acesso em 09/07/2017

Mediador: em relação a esta imagem, situe os alunos sobre os personagens, dando ênfase à Mafalda, personagem criada pelo cartunista argentino Quino. Essa personagem é uma criança de 6 anos, questionadora que critica a todo instante o comportamento das pessoas. Suas ideias refletem as preocupações sociais e políticas dos anos 60. Filha de uma típica família da classe média argentina, Mafalda representa o anticonformismo da humanidade, mas com fé na própria geração. Odeia a injustiça, a guerra, as armas nucleares, o racismo, as absurdas convenções dos adultos e, obviamente, a sopa. As suas paixões são os Beatles, a paz, os direitos humanos e a democracia.

Mediador: reflita com os alunos a situação retratada na tira:

- A interrupção violenta da fala do outro; a arrogância de se achar o “dono da razão”; a mudança de foco e a futilidade da conversa; o ambiente de conflito criado inutilmente.

Mediador: escolha mais algumas imagens e teça com os alunos as mesmas reflexões. Algumas sugestões:

Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la

<http://www.portalafricas.com.br/v1/ele-e-agressivo-verbalmente-e-nao-percebe/> Acesso em 09/07/2017

- Que situação é retratada nessa imagem? Que elementos dão pistas para justificar sua hipótese? O que a expressão da mulher sugere? Por quê? A agressividade retratada nesta cena se manifesta por meio de quais elementos?

Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la

<http://blogmulherao.com.br/15154/violencia-verbal-contra-crianca-tambem-machuca/> Acesso em 09/07/2017

- Quem participa dessa cena? Que elementos indicam se tratar de uma cena de violência verbal? Que relação pode ter a cor preta para indicar o agressor? O que revela ao leitor a

postura da criança?

Mediador: explique aos alunos que Chico Bento, um dos personagens da Turma da Mônica, de Maurício de Souza, caracteriza-se por representar o caipira. Mora na roça, demonstra total naturalidade no seu jeito de ser e é falante de uma variedade socialmente desprestigiada.

Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la

<http://sopadeletrasunip.blogspot.com.br/2012/10/pluralidade-cultural-pluralidade.html> Acesso em 09/07/2017

Mediador: aproveitando o personagem Chico Bento e a tirinha, trabalhe com os alunos a inadequação da fala por falta de recursos linguísticos que permitem a um falante adequar sua fala a uma determinada situação comunicativa. Faça-os ver que Chico Bento conversa com a professora da mesma forma como conversa com sua namorada, Rosinha, ou com seus amigos e familiares. Aproveite para enfatizar a necessidade de adequarmos nosso texto escrito ou oral à situação. A conclusão a que os alunos devem chegar é que, às vezes, alguns falantes não conhecem os recursos de polidez disponibilizados pela língua.

2º MOMENTO: REFLETINDO SOBRE A VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR

1ª Etapa: Que cena é esta?

Mediador: diga aos alunos que você irá exibir dois vídeos nos quais eles devem observar as cenas de violência; os atores que dela participam; as pistas indicativas do lugar onde acontecem, a moldura comunicativa.

<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/06/video-mostra-professor-gritando-com-aluno-em-escola-estadual-do-abc.html> Acesso em 09/07/2017

<https://www.youtube.com/watch?v=mkxZbpdF3uI> Acesso em 09/07/2017

Mediador: proponha a discussão, numa roda de conversa, em relação a: o que é violência; como ela se manifesta; quais são as formas de violência que eles vivenciam no dia a dia; como a violência se manifesta linguisticamente; se a violência verbal se manifesta só pelo tom alto de voz e de que forma os conhecimentos linguísticos podem contribuir para reforçar ou amenizar a violência verbal. Estimule todos a participarem da conversa, favorecendo o trabalho da escuta ativa, do respeito ao dizer do colega.

Mediador: reflita com os alunos acerca das cenas retratadas nos vídeos, as reações que despertam no espectador, os impactos provocados por tais cenas, as alternativas para se evitar ou minimizar os conflitos retratados.

2ª Etapa: Expressando opiniões

Para o desenvolvimento da competência escritora dos alunos, proponha a eles a elaboração de um comentário dirigido a cada um dos protagonistas das cenas retratadas nos vídeos. Neste texto, os alunos devem manifestar suas opiniões acerca das atitudes de cada um, sugerindo outras formas de se resolver conflitos. Explique a eles que os comentários serão postados na internet. Converse com os discentes sobre o gênero textual “Comentário virtual” (o que é, sua função, em

quais suportes podem ser encontrados, esferas sociais em que circula, adequação linguística)

Depois da refação, leve-os ao LI para a sua publicação no suporte online.

3º MOMENTO: AMPLIANDO A CONVERSA

1ª Etapa: O que diz o texto?

Mediador: explique aos discentes que eles irão ler a opinião de um médico psiquiatra sobre a agressão verbal. Coloque o título “Quando falar é agredir” no quadro e peça para que os alunos tenham expectativas sobre o texto.

Entregue aos educandos o texto **“Quando falar é agredir”** e apresente-lhes o autor Flávio Gikovate, lendo uma breve biografia. Apresente-lhes também as referências do texto (suporte, data de publicação, o propósito do gênero textual - artigo de opinião).

Leia o texto integralmente e depois retome-o, solicitando que alunos diferentes leiam os parágrafos, mediando-os para a compreensão plena dos discentes e estimulando-os a construir o sentido do texto por meio da responsividade ativa: compartilhando os conhecimentos prévios; inferindo, com base no contexto, os sentidos de palavras e expressões desconhecidas; identificando a opinião do autor, bem como os argumentos que a justificam.

Mediador, você poderá acessar o texto através do endereço abaixo:

<http://flaviogikovate.com.br/quando-falar-e-agredir/> Acesso em 09/07/2017

Mediador: depois de se certificar que todos compreenderam integralmente o texto, proponha as reflexões a seguir. Peça para que os alunos respondam as questões por escrito.

- O autor diz no início do texto que há opiniões discordantes em relação às pessoas, quando

expressam seu ponto de vista sobre determinados temas.

a. A que tipo de pessoas ele se refere? Em que situação isto ocorre?

b. Em seguida, ele esclarece esta afirmação. Quais são as explicações dadas por ele?

- Dr. Flávio defende a ideia de que nem sempre **“devemos falar tudo o que pensamos”**. Para isto, lança mão de dois argumentos para defender seu ponto de vista. Quais são eles?

- Dos argumentos apresentados pelo médico, a qual ele dá mais importância? Com que argumento ele justifica esta relevância?

- Segundo o autor, por que a franqueza pode ser considerada prejudicial?

- Leia o trecho abaixo:

“Se alguém iniciar uma frase com expressões do tipo ‘Você não percebe nada’, ‘Qualquer idiota é capaz de compreender que ...’, elas provocarão uma espécie de surdez imediata”.

Levando em consideração o contexto, explique o que o autor sugere com o uso da expressão em destaque?

- Para o médico-psiquiatra, o que causa esse tipo de surdez?

- Leiam:

“Quando nos expressamos, é preciso ter extremo cuidado com as palavras, pois elas atingem positiva ou negativamente o interlocutor. No processo de comunicação, a recepção é tão importante quanto a emissão dos sinais. Temos que nos lembrar disso se quisermos agir de modo construtivo para nós e para os demais.”

Levantem hipóteses: o que seria o modo construtivo para nós e para os demais quando nos expressamos?

- Leiam este trecho e reflitam:

“A tese de que devemos falar tudo o que pensamos é ainda mais indefensável quando o objetivo é facilitar o entendimento e a comunicação. Indiscutivelmente o ser humano é vaidoso e, se sentir-se ofendido por alguma palavra ou atitude do outro, acabará desenvolvendo uma postura negativa em relação a essa pessoa.”

- Deem exemplos de posturas negativas que podem ser desenvolvidas pelas pessoas.
- Qual a relação desse trecho com as frases que vocês escreveram no início da dinâmica?

Mediador:

- Pode ser um momento oportuno para reforçar com os discentes a importância dos adjetivos para identificar, por exemplo, o tipo de pessoas a que eles se referem no primeiro parágrafo, o tipo de tema.
- Se achar adequado, a depender do repertório de letramento dos alunos, trabalhe um outro artigo de opinião para familiarizá-los os alunos com a argumentação. Uma sugestão é O Lado Obscuro da Palavra, de Flávio Gikovate.

<http://flaviogikovate.com.br/o-lado-obscur-o-da-palavra/> Acesso em 10/07/2017

2ª Etapa: ESQUETES - Reproduzindo cenas

Proponha a criação de esquetes, produzidas em grupo pelos alunos, retratando duas cenas: uma em que a palavra atinge de forma positiva (uso polido da linguagem) o(s) interlocutor(es) e outra, ao contrário, mostrando uma reação negativa a um uso inapropriado da linguagem.

Os trabalhos devem ser exibidos para toda a turma, acompanhados de reflexões compartilhadas acerca da sua elaboração; do que foi aprendido com a atividade; a relação das cenas produzidas com a proposta da dinâmica. O número de grupo pode variar de acordo com as cenas propostas.

Sugestões de cenas:

- Aluno/professor; Professor/aluno; Colega/collega; Alunos/cantineiras

4º MOMENTO: REFLEXÃO LINGUÍSTICA: ALGUNS RECURSOS LINGUÍSTICOS QUE TORNAM O DISCURSO MAIS POLIDO

Recurso 1: Eufemismo

Mediador: peça aos alunos para, em dupla, representarem oralmente as duas frases escritas na etapa “Fala na cara”. Depois que todos se apresentarem, deixe que eles se posicionem a respeito da melhor maneira de tratar o outro e de ser tratado.

Estimule-os a se lembrarem de outros exemplos de falas indelicadas para se referir ao colega, ao professor, às pessoas da família. Registre no quadro e solicite que reescrevam usando uma linguagem mais polida. Dê alguns exemplos.

Compartilhe o resultado e explique a eles que o recurso de suavizar uma palavra ou expressão que possa ser rude ou desagradável é chamado pela gramática de **eufemismo**.

Mediador, divida a turma em grupos de 3 a 4 alunos e entregue uma gramática diferente a cada grupo para que pesquisem e compartilhem o conceito de eufemismo apresentado. Esta atividade pode ser feita também no LI, com pesquisa virtual

Recurso 2: O uso adequado dos pronomes de tratamento

Mediador: peça aos alunos para listarem as formas de tratamento que foram empregadas nas esquetes para se dirigirem aos interlocutores das cenas e refletirem sobre o que elas podem sugerir em relação à maneira de se dirigir ao outro.

Explique aos discentes que as formas de tratamento são marcadores discursivos das relações sociais e que fazem parte das normas que regulam a interação linguística. Elas alicerçam as relações sociais, incluindo tanto o respeito mútuo e implícito entre os interlocutores, favorecendo a criação de ambientes comunicativos menos conflituosos, mais cooperativos, quanto a falta de delicadeza, de polidez e agressão verbal.

Esclareça que, entre os recursos reguladores de interação, a gramática aponta como alternativa os pronomes de tratamento, empregados para indicar o interlocutor, geralmente em situações mais formais.

Pergunte aos alunos se eles já ouviram falar sobre os pronomes de tratamento e mostre a eles os que foram empregados nas esquetes, convidando-os a conhecerem outros pronomes indicados pela gramática.

Mediador: proponha uma pesquisa, em grupo, no LI ou em gramáticas, sobre esse assunto. Oriente-os a observarem o que é, quais os pronomes de tratamento indicados são conhecidos por eles, os mais usados pelos falantes, em que situações comunicativas são empregados, o grau de formalidade que denotam.

Oportunize a troca de informações coletadas pelos grupos.

Entregue aos discentes trechos de discursos variados (formais e informais) para que identifiquem os possíveis interlocutores, com base nos pronomes de tratamento empregados.

Solicite que os grupos escrevam hipoteticamente uma reclamação acerca de uma agressão verbal, em uma dada situação comunicativa, e depois peça que a enviem a supostos interlocutores (direção da escola, vereador, amigo, prefeito, juiz etc).

Mediador: esclareça aos discentes que, assim como os pronomes, existem outras formas de tratamento que não são denominadas de pronomes, mas que também são importantes recursos linguísticos dos falantes para uma interação mais polida, cortês.

Refleta com eles: em que medida o uso das formas e dos pronomes de tratamento inadequados à situação comunicativa pode evidenciar a falta de polidez do falante?

Peça aos discentes para elaborarem uma síntese do assunto.

Mediador: um outro recurso que pode ser trabalhado é o futuro do pretérito do indicativo. Mostre aos alunos os usos desse tempo verbal como mecanismo de polidez. Reflita sobre as possibilidades desse tempo na construção de discursos (orais ou escritos) mais polidos, observando os seus usos e os seus efeitos pragmáticos. Utilize, de preferência, os discursos que compuseram

as esquetes sobre violência verbal.

5º MOMENTO: CONHECENDO HAICAIS

Mediador: faça uma oficina de haicais temáticos sobre **violência verbal** de modo a amenizar, com uma arte delicada, a brutalidade do tema abordado ao longo de toda dinâmica. Faça da seguinte forma:

Divida os alunos em quatro grupos e entregue um tema a cada um dos grupos para pesquisarem no LI: tema 1: o que é haikai; Tema 2: a forma; Tema 3: o conteúdo; Tema 4: o haikai brasileiro. Oriente os alunos, sugira os sites para consulta.

Feita a pesquisa, o grupo deve se preparar para a apresentação dos temas aos demais colegas. Durante as apresentações, faça a mediação e anote no quadro as informações pertinentes de cada grupo. O texto final deve ser entregue aos alunos.

No LI, peça para acessarem o site CAIXA DE HAICAI (<http://www.seabra.com/haikai/> Acesso em 20/07/2017) e escolherem haicais para serem lidos para os colegas.

À medida que os poemas são declamados, chame a atenção para as características pesquisadas por eles sobre a composição dos haicais.

Mediador: certifique-se de que os educandos compreenderam a estrutura desse tipo de poema e solicite que produzam seus próprios haicais, a serem compartilhados com a turma.

Depois da reescrita, os alunos devem digitar o poema no Word e escolher uma imagem para compor o seu texto. A coletânea deve se transformar num livro de haicais. A capa pode ser ilustrada por um aluno que tenha habilidade para desenhar.

DINÂMICAS DE GRUPO PARA SE FAZER NA ESCOLA	
TEMA: Relacionamentos interpessoais fraternos	TÍTULO: Dinâmica 4: Tempo de delicadeza
OBJETIVOS: Sensibilizar os alunos para o fortalecimento das relações interpessoais, propiciando a reflexão sobre valores negligenciados pela sociedade, como gentileza e delicadeza.	
OS QUATRO EIXOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM	
LEITURA/ESCUA: Conhecimentos prévios, inferências, construção coletiva de sentido do texto, relação texto/imagem.	
ORALIDADE: Escuta ativa dos alunos, os turnos de fala, uso da fala em instâncias públicas mais formais.	
PRODUÇÃO (ESCRITA E MULTISSEMIÓTICA): Painel, poemas, texto coletivo.	
ANÁLISE LINGUÍSTICA/SEMIÓTICA: Mecanismos de coesão.	

bem como a checá-las; a associarem-na ao que já sabem, com as informações do texto, para compreenderem e refletirem sobre o que foi lido, sobre os modos de dizer próprios de cada autor. As pausas são definidas previamente, de preferência antes ou depois da introdução de algum elemento novo no texto – um lugar, uma personagem, um problema –, ou em trechos que antecedem alguma revelação.

Seguem abaixo alguns sites de atividades com a pausa protocolada:

<http://professorssolidarios.blogspot.com.br/2009/12/pausa-protocolada.html>

<https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/artigos/artigo/378/ensinar-leitura-lendo>

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=11254>

1ª Etapa: Conhecendo a história

Mediador, diga aos alunos que você lerá uma história, cujo título é “A coisa perdida”, e peça que levantem hipóteses sobre o que pode ser a tal coisa perdida. Depois que eles se manifestarem, mostre o livro, detendo-se na capa e na contra-capas, riquíssimas em detalhes e informações a serem explorados, chamando a atenção dos alunos para a ilustração, a forma como ela completa a história.

- Que informações aparecem na capa?

Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la

1º MOMENTO: MOTIVAÇÃO - LEITURA PROTOCOLADA DO LIVRO “A COISA PERDIDA”, DE SHAUN TAN

Mediador: a leitura protocolada é uma estratégia empregada para estimular a leitura em camadas, selecionando trechos específicos para se fazerem paradas, a fim de atizar a curiosidade, a participação do leitor e a interação entre leitor, texto e autor na construção ativa dos sentidos do texto. Também chamada de “pausa protocolada”, ela provoca os discentes a fazerem previsões,

- Descrevam o que vocês veem.
- Agora descrevam o que vocês não veem na cena retratada, além do que está oculto.
- E na contra-capa?

Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la

Mediador, depois, leia a história para os alunos, com pausas estratégicas, estimulando-os a construir o sentido do texto, de forma coletiva, por meio da responsividade ativa.

Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la

- Levantem hipóteses: que inferências podem ser feitas a partir da leitura do cartão postal da contra-cap?

Mediador: explore também a folha de guarda, antes de iniciar a leitura da história:

- O que está representado nesta folha?
- Há algo diferente, chamando a atenção? Levantem hipóteses para a intenção do autor em destacar um elemento.
- Há uma informação no cartão postal que se relaciona com a ilustração da folha de guarda. Identifiquem-na.

1ª PARTE: “Quer ouvir uma história?... avistei, pela primeira vez, a coisa.”

- Quem é o narrador da história? Como vocês imaginam que ele seja?
- Como esse narrador insere o leitor no mundo da narrativa?
- Por qual motivo o narrador opta por contar a história de uma coisa perdida?
- O narrador diz que a história a ser contada teve início num determinado espaço e tempo.
 - a. Quando teve início esta história?
 - b. Onde o narrador estava?
 - c. O que o narrador estava fazendo?

2ª PARTE: Devo ter ficado observando por um bom tempo... Era desconcertante.”

- De acordo com o narrador, apenas ele vê a coisa perdida. Levantem hipóteses: Por que

apenas o narrador-personagem a vê?

- No trecho lido, o personagem, que é também narrador, dá informações novas sobre “a coisa”. Que informações são estas?
- Qual a justificativa que ele dá para que ninguém a notasse?
- Levantem hipóteses: o que podem ser “coisas de praia”?
- O narrador-personagem resolve investigar... Como ele poderia ter investigado?

Mediador, apresente a imagem abaixo para que os alunos possam tentar identificar o que poderia ser a “coisa perdida”.

Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la

3ª PARTE: “Entretanto, foi muito simpática ... estava diante de uma coisa perdida.”

- O narrador começou a falar com a coisa. Qual foi a reação dela?
- Depois do contato entre o personagem e a coisa, o que eles fizeram?
- De acordo com o narrador, foi muito divertida a tarde que passara com a coisa perdida. Apesar disso, algo o incomodava. O que intrigava o personagem?

- Na sua opinião, por que ele pensa que havia algo errado?
- Expliquem: Como podemos perceber o passar do tempo na história?
- O passar das horas trouxe uma triste constatação para o narrador. Qual é a principal constatação a que o autor chega?
- O que vocês fariam se tivessem a triste constatação que estavam em frente a uma coisa perdida? E o narrador? O que será que ele fez?

4ª PARTE: “Saí perguntando às pessoas se... - Estão perdidas, nada mais.”

- Agora vocês sabem que o narrador saiu perguntando para as pessoas algo sobre a coisa perdida. Alguém lhe deu alguma informação?
- O narrador levou a coisa perdida para Pete. Aponte o motivo que o fez levá-la até o Pete.
- Pete dá uma resposta para o narrador: - **“Olha, cara, eu não sei. (...) É uma coisa estranhíssima.”** A que conclusão ele chega sobre a coisa perdida?
- O que vocês fariam mediante a resposta de Pete? E o narrador, o que fará?

5ª PARTE: “Eu não tinha saída senão levar... tinham mudado de assunto.”

- O narrador se vê em uma situação delicada. Que situação é essa?
- Você conseguem saber o que motivou o narrador a levar a coisa perdida para a sua casa?
- Em casa, os pais do narrador-personagem atenderam às suas expectativas? Escrevam uma breve síntese deste episódio.
- **“Sentenciaram ambos ao mesmo tempo.”** O uso da palavra destacada foi uma escolha linguística feita pelo autor, talvez com a intenção de deixar clara a posição dos pais. Que posição foi essa?

- A palavra usada pelo narrador deixa possibilidades de contra-argumentação por parte do personagem?
- E agora? Levantem hipóteses: o que será que o personagem vai fazer?

6ª PARTE: “Escondi a coisa no galpão ... acaso chamou minha atenção.”

- O que vocês imaginam que poderia ter alegrado a coisa perdida?
- Há elementos na imagem que apontem sugestão de alimento que narrador deu para a “coisa” comer? O que vocês imaginam que o narrador teria dado para a coisa perdida comer?
- O personagem procurou no jornal anúncios de animais perdidos e acabou se lembrando das palavras de Pete. Que relação pode ser esta
- belecida entre esses dois episódios?
- O narrador teme que o seus pais descubram a coisa perdida no galpão dos fundos. E ele diz: **“era um verdadeiro dilema”**. Que dilema era esse?
- Levantem hipóteses: Por que o anúncio chamou a atenção do narrador?

Mediador, trabalhe a imagem do anúncio com os alunos:

Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la

- O anúncio se dirige a um leitor específico. Quem é este leitor?
- Pode-se dizer que o anúncio foi elaborado, buscando uma aproximação direta com o leitor. Que elementos do texto comprovam esta afirmação?
- Segundo o dicionário Aurélio, **covil** pode ser assim definido:
1- Cova de feras; 2 - Guarida de malfeitores; 3 - Casa humilde; 4 - Casa miserável; alcoice; toca. (<https://dicionariodoaurelio.com/> Acesso em 12/10/2017)

Para vocês, de acordo com as definições acima, estes lugares são adequados para o personagem deixar a coisa perdida?

- A logomarca que aparece no anúncio traz a seguinte frase: **“varredum debaixus tapetis”**.
a. Indiquem possíveis sentidos que podem ser atribuídos a esta frase.
b. Ao relacionar o anúncio com a história contada, que sentido vocês acham que é adequado ao contexto?
- Na sua opinião, a coisa perdida se encaixa em alguma dessas definições? Justifiquem.

7ª PARTE: “Na manhã seguinte pegamos o bonde... Obrigado - eu disse.”

- O narrador e a coisa perdida foram até o local do anúncio. Pela descrição feita deste lugar, que imagem vocês fazem dele?
- Levantem hipóteses: por que a coisa perdida fez um ruído triste?
- Algo falou com o narrador. Vocês conseguem saber quem ou o quê?
- O texto oferece pistas sobre quem é esse personagem? Quem vocês imaginam que seja?
- Pelo que foi dito ao narrador, como vocês imaginam ser este local?
- De acordo com o narrador, ele recebeu desse novo personagem um cartão de visita:

- a. O que estava escrito no cartão?
- b. Com que finalidade ele foi entregue ao narrador?
- O que será que fez o narrador-personagem?

8ª PARTE: “Já fora do prédio, ... o portão começou a abrir.”

- Por que a tarefa de encontrar o sinal não seria fácil?
- **“O tipo de lugar que você só saberia que existe se estivesse procurando por ele.”**
 - a. O que quis dizer o personagem com esta frase?
 - b. Imaginem e descrevam como seria este lugar.
- **“O portão começou a abrir.”**
 - a. Como seria esse lugar misterioso?
 - b. Por que ele estaria tão escondido?

9ª PARTE: “Eu não sabia bem o que pensar, ... Sei lá.

- Pelo texto, pode-se perceber que a coisa gostou do lugar. Por que esse lugar poderia ser ideal para uma coisa perdida?

Mediador: mostre a imagem “desse lugar” para os alunos e estimule-os a perceberem que as informações sobre ele são passadas por meio do desenho. Compare com a descrição feita do lugar anterior.

Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la

- O texto nos dá pistas sobre os sentimentos do narrador ao deixar a coisa perdida naquele lugar?
- Quando o narrador afirma **“E isso é tudo”**, o que você entende?
- **“E, por favor, não me pergunte qual é a moral.”** A quem se dirige o narrador-personagem?
- Que reflexões faz o personagem que termina com a expressão “Sei lá...”
- Levantem hipóteses: por que o narrador não sabia se a coisa pertencia mesmo àquele lugar?
- Vocês acham que acabou a história. O que supõem que fez o personagem?

10ª PARTE: “De vez em quando, ainda penso naquela” ... até o fim.

- O narrador fala de **“alguma coisa um pouco deslocada”**. O que poderia ser?
- Como vocês descreveriam “uma coisa deslocada” nessa história? Como ela seria?

- No final, o narrador nos reserva uma reflexão. Que tipo de reflexão ele faz?
- O personagem diz que ultimamente ele vê cada vez menos algo perdido.
 - a. Que razões ele aponta para este fato?
 - b. Qual é a sua opinião sobre isto?

Mediador: trabalhe com os discentes a relação entre o texto escrito e as imagens deste livro. Estimule-os a perceberem que ambas as linguagens se complementam e que uma sem a outra empobreceria a obra.

2ª Etapa: Pensando na vida

Mediador, ao terminar toda a leitura e as intervenções dos alunos, reflita com eles questões como:

- A causa de as pessoas não enxergarem a “coisa perdida”;
- No livro, o narrador diz que ainda pensa “naquela coisa perdida”, especialmente quando nota algo um pouco deslocado, com jeito estranho, triste, perdido. Em seguida, ele afirma que anda “ocupado demais com outras coisas” e, talvez por isto, vê cada vez menos este tipo de coisa. Pensando nas relações cotidianas, em casa, com os amigos, em sala de aula, na escola, o que pode ser alguma coisa deslocada, algo com jeito estranho, perdido? Ou, o que acham que pode estar “deslocado” ou perdido nas interações humanas, tornando-as conflituosas no dia a dia?
- Quando perdemos alguma coisa, nos acostumamos? Por quê?
- O que nos leva a acostumarmos com algo que a princípio incomoda?
- O que vocês acham que perderam, que era importante, mas se acostumaram com a perda?

Mediador: estimule os alunos a se manifestarem, a perceberem que valores importantes como delicadeza, polidez, solidariedade, respeito etc., estão se perdendo, tornando a convivência mais difícil.

3ª Etapa: Outras opiniões?

Mediador: Explique aos alunos que eles irão conhecer a opinião da escritora Marina Colasanti sobre o assunto, através de uma crônica intitulada **“Eu sei, mas não devia”**. Aproveite a ocasião para apresentá-la a eles.

Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la

Link para o texto: http://www.releituras.com/mcolasanti_eusei.asp

- Apresente o suporte;
- Explore o título para que os alunos criem expectativas de leitura;
- Construa com eles o sentido do texto, de forma coletiva, ressaltando o sentido figurado empregado no texto;
- Trabalhe com os educandos a relação de causa e consequência abordada no texto.

Por exemplo:

CAUSA	CONSEQUÊNCIA
E, por que não tem vista	Logo se acostuma a não olhar para fora.
porque não pode perder tempo da viagem	Lê o jornal no ônibus.

- Peça para que eles se lembrem de outras coisas com as quais nos acostumamos.
- O texto suscita muitas reflexões que podem ser direcionadas para o tema da dinâmica: a perda da delicadeza, da polidez; o tempo de relações “líquidas” em vez de tempo de delicadeza no trato com o outro.

Mediador, use estratégias de leitura para trabalhar a oralidade, como por exemplo, um aluno indicado pelo professor elabora uma pergunta sobre o texto e indica um colega para responder, e prepare questões para serem respondidas por escrito, individualmente ou em dupla.

Seguem abaixo os endereços de dois vídeos da crônica que poderão ser utilizados, caso julgue conveniente oportunizar para os alunos.

<https://www.youtube.com/watch?v=Ax7TIU9pmc4>

https://www.youtube.com/watch?v=djg_0R9BPnA

4ª Etapa: O que se perdeu?

Mediador: para aproveitar todas as reflexões feitas na etapa anterior, proponha a elaboração de um painel, a ser montado com as contribuições dos alunos sobre a proposição abaixo. Entregue a eles um pedaço de papel colorido, no formato de balão. Decore o painel com a imagem de

uma criança soltando balões. Se achar melhor, peça a algum aluno da turma, que tenha habilidade, para fazer o desenho da criança soltando os balões.

“A gente perdeu _____, se acostumou. MAS NÃO DEVIA.”

Este é o momento para os estudantes ponderarem acerca de situações com as quais não se deve se acostumar, tendo em vista a melhoria na qualidade das relações interacionais. Estimule-os a pensarem, considerando suas vivências, o que se perdeu na vida cotidiana, ou, em outras palavras, cuide para que eles reflitam a respeito da banalização de atitudes e posturas que prejudicam a convivência e que podem completar o enunciado acima. Cada aluno deverá escrever o que ele considera que é a coisa perdida no papel colorido, ler o enunciado em voz alta, completando-o com o que escreveu e colar no painel.

Mediador: caso seja necessário, proponha a construção coletiva do conceito de banalização, partindo do que os aprendizes conhecem, com pesquisa a dicionários e a elaboração da síntese.

Este painel será a base para a construção de um texto coletivo, proposta em etapa posterior. E a produção final poderá ser apresentada, na forma de jogral, em um sarau literário.

2º MOMENTO: CONHECENDO OUTROS MODELOS

Mediador: convide os educandos a conhecerem um pouco da cultura japonesa por meio de um vídeo. Com gestos simples do dia a dia, o povo japonês demonstra gentilezas e delicadezas que fazem diferença na forma de olhar o outro, com respeito. Esse vídeo sugerido é uma oportunidade de expandir o universo cultural dos discentes.

Num primeiro momento, coloque somente o áudio, a fim de aguçar a escuta ativa dos edu-

candos. Eles devem ser estimulados a perceberem que precisam estar atentos, em silêncio, para ouvirem e compreenderem o que escutam. Trata-se de um relato da monja Coen a respeito de um período em que viveu no Japão. Neste relato, ela aborda a forma delicada de os japoneses se portarem no seu cotidiano. Prepare-os para que ouçam com atenção, trabalhando a escuta ativa e depois peça que respondam as questões propostas.

(<https://www.youtube.com/watch?v=fOKid4v2Ft0&feature=youtu.be>. Acesso em 05/10/2017)

- Segundo o relato da monja, há, no Japão, uma cultura que preza por gestos de delicadezas que simbolizam respeito ao ser humano. Neste áudio, são dados alguns exemplos disso. O que vocês ouviram a respeito do tratamento entre os japoneses e que é diferente da nossa cultura?
- A brasileira usa um recurso da linguagem oral para mostrar ao ouvinte como se fala normalmente naquele país. Qual é este recurso?
- De acordo com o áudio, como se manifesta, no Japão, a ideia de não incomodar o outro?
- Que palavras são citadas como as mais usadas pelos japoneses que remetem à polidez no tratamento entre as pessoas?
- Que exemplo é citado para confirmar a delicadeza entre as pessoas no Japão?
- Em certo momento, a monja Coen afirma que gestos gentis são **“um mimo pro nosso coração”**.
 - a. Qual o sentido que vocês atribuem a esta expressão?
 - b. Vocês concordam com a afirmação?
 - c. Citem exemplos do que seja um “mimo” para você.
- Em outro momento, a monja compara a maneira como se serve o prato de refeição nas culturas brasileira e japonesa.
 - a. Segundo ela, o que justifica o comportamento japonês para esta atitude?

b. Que ironia a monja usa para se referir às mulheres japonesas que já estavam no Brasil há certo tempo?

- A brasileira cita algumas palavras para descrever a forma de tratamento entre as pessoas no Japão. Quais são elas?
- Segundo o áudio, a forma de tratamento dado às pessoas produzem consequências. Quais são elas? Vocês concordam? Justifiquem.
- Refletindo acerca do que foi relatado pela brasileira, na sua opinião, quais princípios e atitudes vocês julgam que devem ser valorizados e cultivados, visando ao bem coletivo, para uma convivência mais saudável, menos conflituosa?

Mediador, depois de trabalhar o áudio, em um segundo momento, coloque o vídeo completo para os alunos.

3º MOMENTO: OUTROS OLHARES

1ª Etapa: Era Uma Vez - Kell Smith

Mediador: para ampliar as reflexões com os alunos acerca de posturas que podemos assumir no cotidiano que podem melhorar a maneira de nos manifestarmos no mundo, que contribuem para amenizar as hostilidades, as intolerâncias, convide-os a ouvir uma canção.

Escreva no quadro o título - *Era uma vez* - e pergunte a eles o que pode sugerir este título. Provavelmente irão associá-lo ao início dos contos de fada, ao mundo da imaginação. Solicite que elaborem hipóteses para o que poderá ser abordado na música, considerando o tema da dinâmica de grupo, que é qualidade das relações interpessoais, a partir de posturas mais gentis e delicadas no dia a dia.

considerando a convivência cotidiana, o que pode doer mais que um joelho ralado e causar sofrimento ao outro?

- **“É só não permitir que a maldade do mundo / Te pareça normal”**

Que maldade vocês consideram que parecem “normais”, com as quais não podemos nos acostumarmos?

- O título da canção remete aos contos de fada. Geralmente, neste gênero textual somente no final os personagens serão “felizes para sempre”. Em um determinado trecho da canção, há uma referência a este final.

a. Qual é o trecho?

b. Releiam-no e elaborem uma possível interpretação para ele.

- A letra da canção sinaliza que não devemos nos acostumar com a maldade do mundo, achar que ela é normal, e que a felicidade está no meio do caminho. Acreditando que algumas posturas e atitudes cotidianas de respeito ao outro possam colaborar para o fortalecimento do tecido social, levantem hipóteses: a que maldades banalizadas, com as quais não devemos nos acostumar, o eu lírico pode estar se referindo?

Mediador, esta dinâmica de grupo tem como proposta de encerramento a realização de um Sarau, protagonizado pela turma. Por isto, proponha aos alunos o ensaio da canção para ser apresentada no evento. Existem possibilidades de apresentação da música: individual, em duo ou trio.

2ª Etapa: O GOSTO DA DELICADEZA

Mediador, depois de trabalhar o entendimento do texto, os alunos deverão montar um outro painel. Para esta produção textual, cole a frase abaixo, atribuída a Manuel Bandeira.

Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la

<https://www.pensador.com/frase/ODQyNzc1/> Acesso em 22/10/2017

Numa roda de conversa, convide os discentes a refletirem sobre o texto de Manuel Bandeira. Pergunte se eles concordam ou não com a afirmação feita na primeira frase e o que é para eles atos de delicadeza que podem fazer parte do dia a dia, exemplificando a outra parte do texto.

Sintetize com os educandos tudo o que foi abordado ao longo da dinâmica: “coisas” que se perderam; “coisas” com as quais não deveríamos nos acostumar; formas mais delicadas de tratar o outro; os “mimos” que melhoram a convivência; maneiras de “não permitir que a maldade do mundo pareça normal”. Esta síntese permite resgatar o fio condutor da dinâmica de grupo. Em relação à delicadeza nas palavras, relembre o que foi sistematizado enquanto reflexão linguística da dinâmica anterior (Violência Verbal).

Peça que escrevam o resultado das reflexões num pedaço de papel e, à medida que cada aluno lê o que escreveu, o texto é colado no painel.

Caso não tenha trabalhado com a dinâmica de grupo citada, é um bom momento para abordar conteúdos como, por exemplo, pronomes de tratamento e formas linguísticas que tornam o

uso da língua mais polido. O eufemismo é uma boa figura de linguagem que pode fazer parte das reflexões linguísticas, assim como o futuro do pretérito, ampliando os conhecimentos dos alunos com práticas de uso da língua.

4º MOMENTO: REFLEXÃO LINGUÍSTICA - MECANISMOS DE COESÃO

Mediador, proponha aos discentes a produção coletiva de um texto, a partir do primeiro painel. Para isto,

- Entregue aos alunos uma cópia do que foi escrito nos balões.
- Em dupla ou trio, peça que verifiquem se há ideias repetidas que possam ser eliminadas.
- Solicite que observem as ideias que se complementam, a fim de agregá-las em um mesmo parágrafo e peça aos alunos para criarem argumentos explicativos, completando o parágrafo.
- Instrua os alunos a criarem elementos coesivos entre as orações e os parágrafos.
- Todos os parágrafos do texto coletivo devem se iniciar com a proposição do painel: **“A gente perdeu _____, se acostumou. Mas não devia.”** (Use como modelo a crônica de Marina Colassanti).
- Os alunos deverão observar qual trecho deverá iniciar o texto e qual deverá finalizá-lo.
- Os alunos deverão reescrever o texto, a partir das modificações propostas.
- Solicite uma leitura em voz alta da versão final do texto.
- Exponha a versão final do texto no mural da sala de aula.

Mediador: abra espaço para que os alunos comentem a sua participação em toda a dinâmica e descrevam as emoções que tal atividade despertou neles.

Mediador: elabore uma sistematização sobre os mecanismos de coesão usados para a construção do texto coletivo. Dê ênfase aos conectores adversativos de modo que no texto coletivo os alunos possam variar os recursos.

5º MOMENTO: CRIAÇÃO DE POEMAS E SARAU LITERÁRIO

Mediador: este momento pretende motivar os alunos a (re)conhecerem a diversidade cultural, interconectando os quatro eixos do ensino para ampliação do repertório de conhecimento dos alunos, além de levá-los a reconhecer o sarau literário como um tipo de evento cultural e uma situação formal de fala.

1ª Etapa: Oficina de poesia: limpando o olhar (receitando novos olhares)

Mediador: produza com os alunos uma oficina de poesia com alguns poemas do livro *Receita de olhar*, de Roseana Murray. Os poemas foram selecionados tendo em vista o tema da dinâmica. É uma oportunidade de os estudantes ampliarem suas competências leitoras por meio do poema. O caráter humanizador da literatura poderá reforçar nos alunos as atitudes positivas, os gestos de gentileza, as posturas mais éticas e solidárias que foram discutidas ao longo da dinâmica de grupo.

Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la

Mostre o livro aos alunos; fale sobre a autora e explore o título.

Entregue aos educandos os poemas sugeridos abaixo.

RECEITA de tocar o outro Porteira aberta para o universo cada um é único lugar sagrado onde árvores antigas e estrelas cantam Tocar o outro em sua alma como se fosse uma flauta	RECEITA de arrumar gavetas Separe coisa por coisa: de um lado o pólen do passado as raízes do que foi importante os retratos os bilhetes os horários de chegada de todos os navios-pirata os sinos que anunciam que há um amigo na estrada do outro lado um espaço vazio para o que vai acontecer as surpresas do destino os desatinos do acaso
RECEITA de desamarrear os nós desamarre os nós do sapato depois desamarre os pés desamarre os laços inúteis os nós do que não serve mais desamarre o barco do cais os nós das janelas e então deixe que o vento...	RECEITA de abrir o coração a chave é pequena de ouro e coragem o coração é labirinto viagem muralha abismo trapézio porta aberta para o outro gaveta aberta para a vida

RECEITA de espantar a tristeza Faça uma careta e mande a tristeza pra longe pro outro lado do mar ou da lua vá para o meio da rua e plante bananeira faça alguma besteira depois estique os braços apanhe a primeira estrela e procure o melhor amigo para um longo e apertado abraço	RECEITA de acordar palavras Palavras são como estrelas facas ou flores elas têm raízes pétalas espinhos são lisas ásperas leves ou densas para acordá-las basta um sopro em sua alma e como pássaros vão encontrar seu caminho.
RECEITA de se olhar no espelho para a Júlia se olhe de frente de lado de costas de cabeça para baixo pinte o espelho de azul dourado vermelho faça caretas ria sorria feche os olhos abra os olhos e se veja sempre surpresa quem é você?	Receita de olhar Nas primeiras horas da manhã desamarre o olhar deixe que se derrame sobre todas as coisas belas o mundo é sempre novo e a terra dança e acorda em acordes de sol faça do seu olhar imensa caravela.
RECEITA de felicidade palavra teia que se tece a cada curva da vida com ventos e veludos florestas de mistérios interminável bordado cada ponto é alado.	RECEITA de dizer o nome dizer o nome como se diz uma semente uma pedra um pedaço de sol dizer o nome como se diz um arco-íris um temporal uma ilha de água luz e coral Roseana Murray. Receitas de olhar. São Paulo: FTD, 1999.

<https://oolhardekikadomingues.wordpress.com/2007/05/26/receitas-de-olhar-livro-roseana-murray/> Acesso em 05/09/2017

Mediador: num primeiro momento, peça que os alunos leiam silenciosamente. Depois, indique alguns alunos para que declamem os poemas, fazendo a mediação para o entendimento dos textos, após a leitura de cada um.

Esses poemas trazem caminhos para os enxergarmos como um outro ser humano que deve ser respeitado em sua pluralidade. Falam de possibilidades, de esperanças e descobertas de gestos delicadamente simples que mudam a forma de se olhar a vida. Na verdade, eles são um convite aos alunos à reflexão acerca do tema dessa dinâmica de grupo e a um mergulho na linguagem poética para a criação de receitas, com sugestões de posturas cotidianas que podem fazer diferença na qualidade das interações humanas.

Depois de feitas as mediações, divida a turma em grupos, de acordo com o número de textos, indique um poema para cada grupo e peça aos alunos para prepararem a apresentação do poema em forma de jogral.

Em seguida, solicite que os discentes produzam, com base nos poemas de Roseana Murray, uma receita literária, com as suas sugestões de atitudes que podem ser possibilidades de interações mais saudáveis. O texto deverá ser lido para o grupo.

Após a refacção, monte um varal de poesia na sala de aula. Entregue papel colorido para os discentes escreverem o poema. Estimule-os a ilustrar o texto.

As atividades de declamação dos poemas na forma de jogral são uma preparação para o Sarau. Os textos produzidos serão apresentados no evento.

Em uma roda de conversa, peça aos alunos para escolherem o poema de que mais gostaram e elaborarem a justificativa.

2ª Etapa: SARAU

Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la

<http://pedagogiavivanarede.blogspot.com.br/2015/> Acesso em 06/09/2017

Acesso em 06/09/2017

Mediador, organize com os discentes o Sarau, que já contará nessa ocasião com as produções elaboradas ao longo dessa dinâmica e com os haicais produzidos na dinâmica de grupo anterior, **“Quer conversar melhor?”**. Ele poderá ser apresentado para outros alunos da escola.

O sarau será a oportunidade de os educandos apresentarem as produções textuais (escritas e orais) realizadas ao longo das duas últimas dinâmicas de grupo propostas neste caderno pedagógico, bem como vivenciarem a prática de: leitura de textos literários, canônicos ou não; leitura de textos de gêneros variados; contato mais sistemático com outras formas de manifestação cultural, outras linguagens; oralidade; trabalho em grupo. O evento pode favorecer a cultura do respeito entre os educandos e a vivência de situações de uso efetivo da língua materna que contribuam para a ampliação de seu repertório linguístico, cultural, artístico, humano.

Este evento, cuja palavra tem origem no termo latino *serus* (com referência ao entardecer, pois acontecia geralmente no fim do dia), pode envolver dança, poesia, exibição de curtas, música, pintura, teatro etc. O sarau, prática comum no século XIX, vem sendo resgatado e reinventado pelas escolas como uma forma de os alunos ampliarem o conhecimento de mundo, partindo do

que é conhecido para o novo, pela ótica do caráter humanizador da literatura e das artes em geral. Além disso, o sarau pode não só fortalecer a convivência mais harmoniosa entre a comunidade escolar, promovendo maior integração, de forma descontraída, criativa e envolvente como também pode propiciar a revelação de muitos talentos artísticos.

O evento poderá contar com: declamação de poemas, tanto dos alunos (produzidos no decorrer das dinâmicas Violência Verbal - haicai - e Tempo de Delicadeza - receitas poéticas), como de autores conhecidos da literatura brasileira (Paulo Leminski e Roseana Murray); música (Era uma vez); dança; contação de história: livro "A coisa perdida", de Shaun Tan.

Mediador: use os painéis e os demais trabalhos artísticos produzidos pelos alunos para a decoração do lugar em que será realizado o evento.

Trabalhe com os alunos o gênero textual convite e confeccione alguns para a comunidade escolar.

PREPARANDO O SARAU

Mediador: assim como qualquer atividade pedagógica, o sarau requer um bom planejamento. Este passa pelo diálogo com a direção e coordenação pedagógica da escola, visando ao apoio para a realização do evento e o suporte logístico necessário.

As apresentações devem ser escolhidas e preparadas com antecedência, além de carecerem de ensaios.

Pelo caráter mais formal, o Sarau deverá ter alguns Mestres de Cerimônias (MC's) para conduzir a solenidade com estilo, civilidade, delicadeza e cuidado.

Deve ser elaborado um texto de apresentação do Sarau, assim como um roteiro com a sequência das apresentações que não deve ultrapassar os 100 minutos.

A decoração pode ser feita em parceria com o professor de Artes. É um bom momento para o

envolvimento com professores de outras disciplinas. Esta etapa deve estimular a criatividade, a criticidade e o artista presente em cada um e estar relacionada com o tema proposto para o Sarau.

Declamar poemas e ler textos produzidos por eles, para interlocutores reais, podem ser maneiras de os educandos amadurecerem a percepção da língua materna como um bem cultural que se estabelece na interação, com função e propósitos comunicativos definidos de acordo com as diferentes situações de uso da língua nas esferas sociais.

Postura e entonação de voz são elementos a serem previamente trabalhados com os alunos. A situação de uso da fala em evento público propiciará a eles a reflexão acerca de formas mais adequadas à ocasião. A polidez necessária às relações interpessoais foi colocada em evidência na dinâmica de grupo anterior e nesta, trazendo para a sala de aula reflexões pertinentes aos temas e ao uso efetivo da língua materna como possibilidade de construção de cidadania.

Clique nas imagens para ampliá-las e baixá-las

PALAVRAS FINAIS

Professor, este Caderno Pedagógico tem a intenção de ser uma contribuição a mais ao seu fazer pedagógico. Ele foi pensado para a uma dada realidade escolar, porém leva em consideração elementos comuns à realidade de muitos professores, como, por exemplo, o baixo desempenho cognitivo, linguístico e cultural dos alunos e a ambiência conflituosa em sala de aula.

Embora as quatro dinâmicas de grupo tenham sido elaboradas mantendo entre si um certo grau de interdependência, faz-se necessário deixar claro que cada uma possui sua autonomia, isto é, podem ser aplicadas separadamente. Além disso, você, professor, pode importar parte de uma dinâmica para outra, criando, assim, sua própria dinâmica de grupo, com base em sua realidade.

DINÂMICAS DE GRUPO PARA SE FAZER NA ESCOLA propõem a sistematização de alguns conteúdos como sugestões, elaboradas a partir do perfil da turma em que o projeto foi aplicado. No entanto, qualquer conteúdo pode ser objeto de estudo, ficando a seleção a critério do professor, de acordo com o nível de amadurecimento e/ou proficiência dos alunos.

Espera-se que esta tecnologia possa ser uma alternativa de contraposição da cena descrita acima sobre a realidade escolar, à medida em que traz para a sala de aula o protagonismo e a autoria do professor e dos alunos na construção dos saberes.

Clique nas imagens para ampliá-las e baixá-las

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Celso. *Professores e professores: reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ANTUNES, Irandé. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola, 2005.

_____, Irandé. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola, 2003.

_____, Irandé. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo, Parábola, 2010.

BAGNO, M.; STUBBS, M.; GAGNÉ, G. *Língua materna: letramento, variação & ensino*. São Paulo: Parábola, 2002.

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Em: Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (versão final). 2017. Disponível em:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base/>. Acesso em: abril /2018.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais : terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília : MEC/SEF, 1998.

BRONZATO, Lucilene Hotz. *A dinâmica de grupo no ensino da oralidade*. In: Revista Prolíngua, Volu-

me 2, Número 1 – Jan./Jun de 2009.

CATACH, Nina (org). *Para uma teoria da língua escrita*. São Paulo: Ática, 1996.

DOLZ, J. & SCHNEUWLY, B. (2004). *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. e org.: R. Rojo e G.S. Cordeiro. Campinas (SP): Mercado das Letras

KLEIMAN, A. *Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola*. In: KLEIMAN, A. (Org). *Os significados do letramento: uma perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p. 15-61.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez; 2001b.

MIRANDA, Neusa Salim. *Cala a boca não morreu*. Revista da ANPOLL- 18 Campinas-SP, jan/jun.2005 p.159-182 b Acesso em 03/12/16

MIRANDA, Neusa Salim; SANTOS, T.M.B. (colaboradora) ; Del-Gaudio,S.M.A. (colaboradora). *Reflexão metalinguística no ensino fundamental* -. 1a. ed. Belo Horizonte: CEALE/FAE/UFMG -Coleção Alfabetização e Letramento, 2006. v. 1. 114p.

PEGORINI, Marli. In: http://www.pos.ajes.edu.br/arquivos/referencial_20121016113858.pdf. Acesso em janeiro/2017.

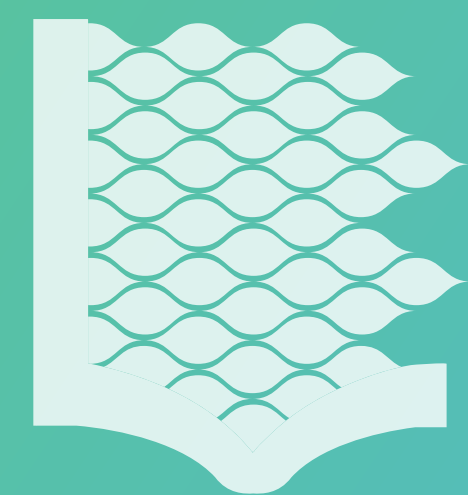
ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SILVA, Jorge Antonio Peixoto da. *O uso de dinâmicas de grupo em sala de aula: um instrumento de aprendizagem experiencial esquecido ou ainda incompreendido?* Revista Saber Científico, Porto Velho, v. 1, n. 2, p. 82-89, jul./dez., 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbeped/v95n240/06.pdf> Acesso em dezembro de 2016.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de Leitura*. 6.ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 1998.

TRAVAGLIA, L.C. *A sistematização do ensino de gramática em atividades de gramática reflexiva e outras*. In: *Discutindo a prática docente de língua portuguesa*. 1a ed São Paulo:IP-PUC/SP, 2000, p.59-70
_____. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. 6. Ed. São Paulo: Cortez, 1998.

SANTOS, Marcela Ernesto. *Autobiografia feminina: a identidade e o preconceito nas memórias de Carolina Maria de Jesus e Maya Angelou*. Disponível em: <http://www.cefetsp.br/edu/sertaozinho/revista/volumes_anteriores/volume1numero4/ARTIGOS/2.pdf> Acesso em 09/09/2016.



PROFLETRAS